

Revista

VOL. 2 | N. 3 | JUN/2021

ESTUDOS TRANSVIADES

revista sobre transmasculinidades idealizada por pessoas transmasculinas



Victório Frões

EM DEFESA DA AUTODETERMINAÇÃO

RESISTÊNCIA TRANSMASCULINA

ESTUDOS
TRANSVIADES



Descrição de imagem: capa da Revista Estudos Transviades. No topo, está escrito em letras brancas “Revista Estudos Transviades, volume dois, número três, junho de 2021, revista sobre transmasculinidades, idealizada por pessoas transmasculinas”. O fundo da capa da Revista é azul escuro, com riscos pretos falhos que perpassam do topo ao fim. No meio da tela, há um corpo vermelho, do pescoço até a cintura, sem cabeça. As mãos estão sobre os seios, puxando-os para os lados, de modo que o meio do corpo se abre, e dentro sobressai um grande olho verde, que se estende do interior do pescoço até o umbigo. Logo abaixo do corpo vermelho, em letras pequenas está escrito o nome Victório Fróes. Abaixo do nome, está escrito “Em defesa da autodeterminação”, em letras brancas pequenas, e, abaixo destas, “Resistência transmasculina”, em letras azuis grandes. Esse é o tema dessa edição. Cortando a capa, está escrito “Resistência transmasculina: em defesa da autodeterminação”. No canto inferior direito, há o símbolo da revista: um círculo rosa preenchido pela cor azul, dentro do qual está escrito “estudos transviades”.



A imagem da capa é de autoria de Victório Fróes.

Todas as edições da Revista Estudos Transviades podem ser encontradas nos seguintes endereços eletrônicos:

www.revistaestudostransviades.wordpress.com

<https://independent.academia.edu/RevistaEstudosTransviadesRET>

<https://pt.scribd.com/user/548860674/Revista-Estudos-Transviades-RET>

Informações adicionais podem ser encontradas em nossas páginas de facebook e instagram (@revistaestudostransviades) e recebemos mensagens por instagram e por email (revistaestudostransviades@gmail.com). Qualquer reprodução ou citação dos materiais dispostos nesse número deve estar acompanhada da menção da fonte de(s) autore(us) e da revista.

Para referenciar os materiais dispostos nesse volume, especialmente os artigos acadêmicos, pode-se usar como base o seguinte exemplo:

SAMPAIO, Alexandre Gregório Silva. Ginecologia: um espaço clínico específico para mulheres (?) Impasses e desafios para a saúde ginecológica dos homens trans. Revista Estudos Transviades, v. 1, n. 2, set. 2020. Disponível em: <revistaestudostransviades.wordpress.com/blog-2/>. Acesso em: (data de acesso).



SUMÁRIO

Corpo editorial	8
Apresentação	9
Editorial	11
Artes de Thomas Carvalho	13
O Mito do “Peito Batido na Porta”	
Vitor Ian Miranda	16
Desenho de Vitor Ian Miranda	18
Paisagem trans para seu telefone	
Yuri Cantizano (CANTI)	19
Estudo de caso	
Samuel Bittar	20
Arte de Samuel Bittar	21



A lógica e a prescrição: eu posso existir aqui?

Samuel Bittar 22

Arte de Samuel Bittar 24

TRANSgressão política: a força das candidaturas transexuais nas eleições municipais de 2020

Thiago Moreira e Nicole Tassar 25

TRAVESSIA

Raoni Freitas 28

Notas sobre psicologia, prática profissional, cisnormatividade e população trans

Alexandre Gregório Silva Sampaio 30

COMO CHUPAR UM HOMEM TRANS

Leonardo Tenório 39

Artes de Victório Fróes

Trans Davi 48

Ybaka mimbira 49



Reflexões sobre transmasculinidades e preservação da vida: os impactos da deslocalização

Bruno Latini Pfeil, Cello Latini Pfeil 50

Arte de Danillo Pietro Craveiro 60

Deus é uma travesti

Danillo Pietro Craveiro 61

Menino de Ouro

Shai Lamas 62

Fotografia de Shai Lamas 63

Olhe bem as montanhas

Shai Lamas 64

Efeito Colateral

Shai Lamas 65

Fotografia de Shai Lamas 66



Autorretrato

Shai Lamas 67

O conto do cotidiano

JoMaKa 68

Proposta Entre Zero e Um

Arthur Caldeira 70

BIOS 93



CONSELHO EDITORIAL

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Nathan Victoriano

Nicolas Pustilnick

Thárcilo Ipá

DESIGN E FORMATAÇÃO

Nicolas Pustilnick

Cello Latini Pfeil

COORDENAÇÃO DE MÍDIAS

Petter Levi

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Mayra Ribeiro

Victório Fróes



APRESENTAÇÃO

É com muito orgulho que apresentamos o terceiro número da Revista Estudos Transviades! A ideia de criar uma revista sobre transmasculinidades surgiu em 2020, no Rio de Janeiro, a partir de uma reunião entre alguns dos atuais coordenadores, que tinham como foco a formação de um espaço de livre produção de conhecimento sobre gênero e sexualidade, de pessoas trans para pessoas trans. Ao longo do tempo, novas pessoas transmasculinas foram incluídas na coordenação e na equipe do design. Com o terceiro número que apresentamos aqui, procuramos tornar públicas novas produções de outros transmasculines, expressando visões complementares e diversas sobre transmasculinidades e questões sociais amplas.

Nossas corpes transmasculines não são legitimadas nem reconhecidas. Não há um lugar social transmasculino historicamente constituído. Temos muito pouco sobre o que nos sustentar durante os processos de construção de nossas identidades. O que há sobre as transmasculinidades está sendo majoritariamente constituído agora, por nós mesmas, em nossas redes de amizades, em grupos de redes sociais, ao trocarmos nossas experiências. A proposta dessa revista é incentivar um processo de mudança cada vez maior nesse cenário de marginalização e invisibilização. É pensar as potencialidades de corpes transmasculines produzindo vida e novos horizontes de futuro. Pretendemos criar um espaço de acolhimento e visibilidade para as mais variadas produções de corpes transmasculines, de forma a buscar os diversos atravessamentos das transmasculinidades sem imposições academicistas e fora de uma lente patologizante cisnormativa. Almejamos uma liberdade cada vez maior para o diálogo, pela constituição de subjetividades que fiquem marcadas aqui, dispostas para serem conhecidas agora e no futuro.

Após a escolha do nome – Revista Estudos Transviades –, que faz alusão à obra de João W. Nery e aos estudos transviados consolidados no Brasil, criamos um e-mail, um perfil no Google, no Wordpress e no Instagram, onde começamos a fazer postagens convidando pessoas transmasculinas a enviarem suas produções. Hoje, além dessas plataformas, também temos contas nas plataformas Academia Edu e Scribd, onde nossas edições podem ser acessadas.



Ficamos muito contentes com a quantidade de produções que recebemos: desde artigos acadêmicos até ensaios fotográficos sobre temas que não abarcam somente questões dos estudos de gênero e sexualidade, como também questões outras, emocionais e do cotidiano, dentro da vivência de nossos corpos. Nosso objetivo não é organizar uma revista acadêmica, embora entendamos a importância da academia para nossas conquistas. Agrupamos todos os artigos acadêmicos ao final do documento e, ao longo da revista, mesclamos prosas, imagens e poesias; visamos, com isso, uma localização simples dos textos acadêmicos para possíveis citações e referências.

Decidimos utilizar linguagem neutra com “u/e” na Apresentação e no Editorial, assim como em alguns textos – com a permissão dos autoras – que apresentavam linguagem com “x”. Com isso, procuramos tornar essa revista um espaço de inclusão, e não de exclusão de corpos não-binários transmasculinos. Em relação ao critério de seleção dos materiais, aceitamos quaisquer produções, desde que não reproduzam opressões e/ou que não possuam conteúdos que possam ser entendidos como violentos. Não toleramos discriminações, seja por parte dos autoras ou de suas produções. Nossa política em casos de discriminações e violências é a não integração desses autoras e de suas produções no corpo da revista.

Temos consciência de que os leitores dessa revista serão diversos, desde homens trans com anos de contato com as transmasculinidades, até pessoas que ainda estão se descobrindo, questionando sua identidade. A decisão de agrupar as biografias ao fim da revista foi pensada a partir da proposta de visibilidade que mencionamos anteriormente: ao lermos as apresentações dos participantes, percebemos como esse projeto conseguiu abarcar diferentes transmasculinidades de diversas regiões do país, em condições distintas, mas que se entrecruzam. Agradecemos imensamente a todos que nos enviaram seus materiais e convidamos cada vez mais pessoas transmasculinas a nos confiar suas produções!

Estamos sempre dispostos a integrar novas ideias para construir um espaço mais diverso e plural das transmasculinidades. Para dúvidas, críticas e sugestões, e também para o envio de novos materiais, procure-nos em nossa conta no Instagram (@revistaestudostransviades), em nosso site no Wordpress (www.revistaestudostransviades.wordpress.com) ou nos contate por email (revistaestudostransviades@gmail.com)!



EDITORIAL

O terceiro número da Revista Estudos Transviades, nossa primeira publicação de 2021, marca um ano de atividades de nosso projeto. A revista nasceu em 2020, em um contexto de pandemia e de distanciamento, mas conseguimos organizar dois volumes com materiais de diversos autoras transmasculines, desde poesia e ilustrações até ensaios e artigos acadêmicos, além da publicação da zine “Estruturas da Buceta”, inteiramente produzida pelo grupo “Hackers de Gênero”. Desde a idealização do projeto, nosso objetivo é viabilizar um espaço – ainda que virtual – de divulgação e produção de conhecimento e de subjetividades transmasculinas. Hoje, o terceiro volume, composto tanto por artes como por produções acadêmicas, se propõe a contemplar ao máximo as expressividades das transmasculinidades. Agradecemos a todas que confiaram seus materiais a nossa revista independente, autogestionada e livre de amarras institucionais cisnormativas.

Iniciamos o presente volume com artes de Thomas Carvalho, "criadas em um surto onde brinco com a quebra da parede entre o observador e o observado". Suas artes são surrealistas, retratam o corpo trans em cenários imaginativos, com certa ironia. Apresentamos duas artes de Thomas, seguidas pelo poema "O Mito do 'Peito Batido na Porta'", de Vitor Ian Miranda, que dialoga com gênero e psicanálise. Após o poema, dispomos de um desenho do mesmo autor, que retrata um corpo trans abrindo uma porta. Enveredamos pelas artes, e nos deparamos com a colagem digital de Yuri Cantizano, "Paisagem trans para seu telefone", que nos mostra um corpo trans à frente de um fundo trabalhado em tons avermelhados.

Em seguida, temos uma série de produções de Samuel Bittar. A primeira é o pequeno texto "Estudo de caso", que questiona a medicalização e a patologização do corpo trans, seguido do lambe "pessoas que menstruam". Depois, temos "A lógica e a prescrição: eu posso existir aqui?", em que o autor discorre novamente sobre a prescrição de laudos, a psiquiatrização de identidades trans, e questiona a finalidade dessas abordagens médicas danosas. O ensaio é seguido do lambe "make brasil maricona de novo", do mesmo autor.



No ensaio "TRANSgressão política: a força das candidaturas transexuais nas eleições municipais de 2020", Thiago Moreira e Nicole Tassar fazem um apanhado de candidaturas de pessoas trans em 2020, e escrevem sobre sua importância política, além de realizarem um estudo comparativo sobre a presença de pessoas trans em eleições anteriores. Após o texto, temos duas obras da série "Travessias", de Raoni Freitas: pinturas em estilo abstrato de paisagens em tom de cor lilás, azul e roxo.

Retomando a questão da patologização, Alexandre Gregório Silva Sampaio apresenta o texto "Notas sobre a psicologia, prática profissional, cisnormatividade e população trans". Como explica o próprio autor, "este ensaio possui como prerrogativa refletir sobre a atuação de profissionais da psicologia frente a demandas clínicas da comunidade trans". Logo após, apresentamos o zine "Como chupar um homem trans", de Leonardo Tenório. Acreditamos que esse conteúdo seja de utilidade pública para a população em geral, tendo em vista que nossos corpos, além de invisibilizados, também são fetichizados. O zine objetiva desmistificar alguns preceitos populares sobre a vagina, bem como explicar o que não deve ser feito, e o cuidado que se deve ter com corpos transmasculinos em âmbito sexual. Após o zine, temos duas artes de colagem digital de Victório Fróes, a primeira chamada "Trans Davi", que retrata a estátua de Davi por uma perspectiva trans, e a segunda se chama "Ybaka mimbira", que nos mostra um corpo trans com os dizeres "A plenitude do viver / Quem sabe um dia voar".

Novamente tocando em questões de saúde mental, Bruno Pfeil e Cello Latini criticam a invisibilização de transmasculinidades em estudos sobre suicídio, considerando a alta incidência de suicídios e tentativas de suicídio em pessoas transmasculinas. Os autores expõem as diferenças entre os levantamentos de dados sobre suicídio de pessoas cis e trans, apontando para a deficiência na abordagem das transmasculinidades e para a necessidade de que estudos sobre masculinidades não se concentrem somente em cismasculinidades.

Temos, então, duas artes de Danillo Pietro Craveiro: a primeira, sem título, retrata um corpo transmasculino envolto pela bandeira trans, e a segunda é uma pintura em homenagem a Marsha Johnson, "Deus é uma travesti". Ainda apresentando artes, temos uma compilação de pinturas e fotografias de Shai Lamas: "Menino de Ouro", seguida de uma fotografia sua em uma exposição, em 2019; depois, temos "Olhe bem as montanhas", ao lado de "Efeito Colateral", obras produzidas em anos diferentes, porém

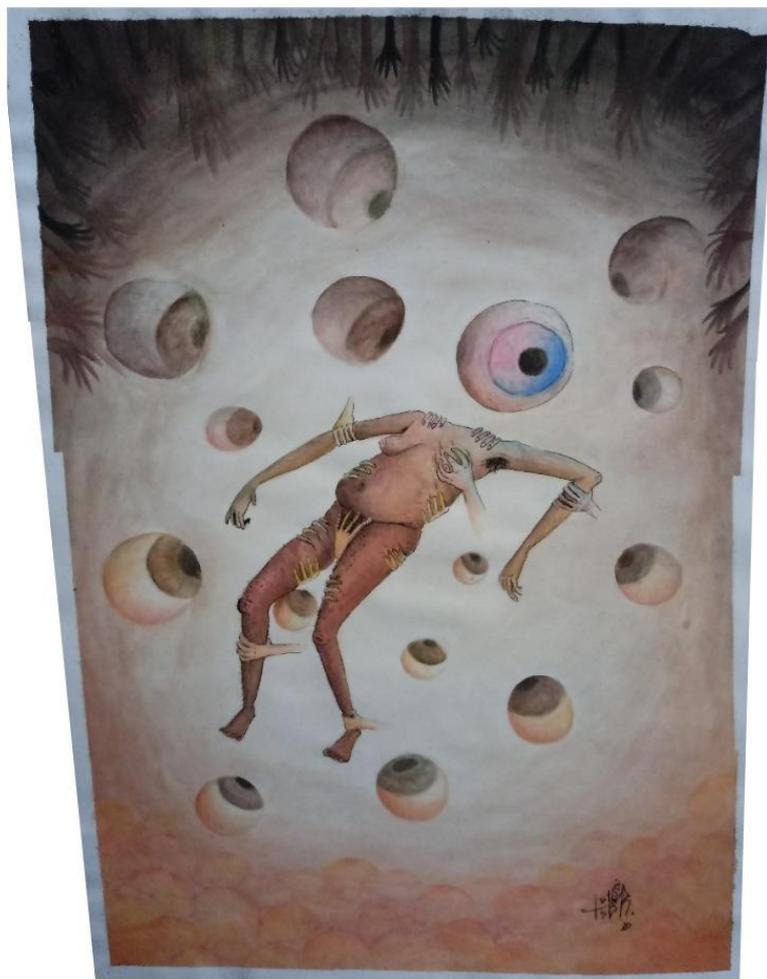


que dialogam entre si. Tais artes são seguidas de uma fotografia de Shai Lamas em outra exposição, de 2018. Por fim, temos um autorretrato de Shai Lamas.

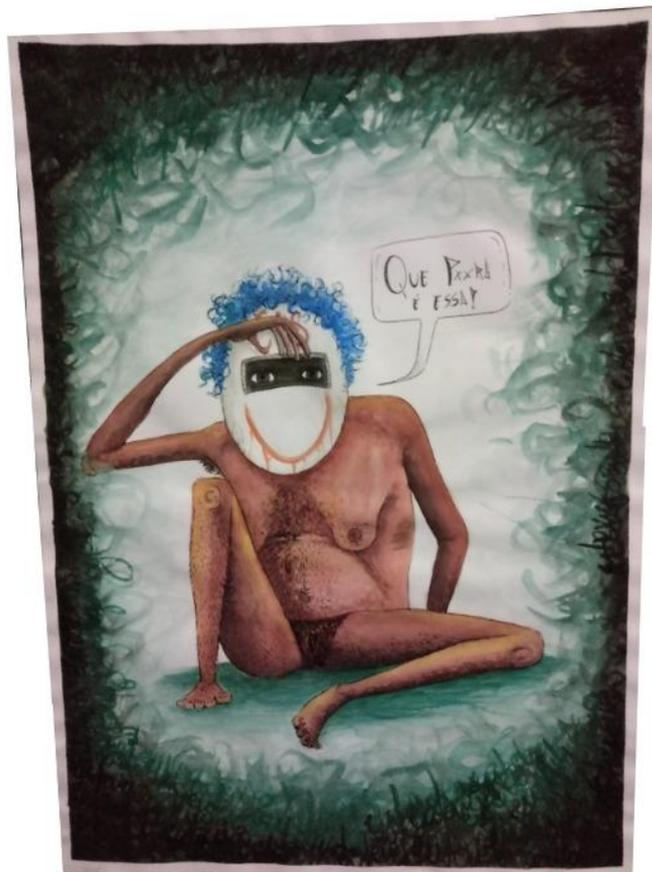
Como penúltima produção, temos o poema de JoMaKa “O conto do cotidiano”, que narra uma situação comum de constrangimento vivenciada por pessoas trans diariamente, o que nos leva à necessidade de termos nossos corpos representados não somente na produção de conhecimento textual e acadêmico, como também na produção artística e imagética. Portanto, apresentamos o texto de Arthur Caldeira, “Proposta Entre Zero e Um”, que discorre sobre arte e transgeneridade, sobre a construção do corpo transmasculino na arte, algo que é necessário para que sejamos representados e retratados nas artes plásticas. Para todas as imagens e ilustrações há descrições, de modo a não tornar nosso material excludente. Ao longo do material de Arthur Caldeira, assim como de todas as imagens neste documento, deixamos as descrições logo abaixo das imagens. Desejamos a todes uma boa leitura e apreciação dessa edição!

Artes de Thomas Carvalho

Essas artes foram criadas em um surto onde brinco com a quebra da parede entre o observador e o observado. Procuo trazer o desconforto do olhar, “inspirado” na forma como o corpo trans é invadido pelos olhos curiosos e recheados de julgamento. São autorretratos, mas, aos olhos de quem vê, pode ser um espelho, um portal de si e não só de mim.



Descrição da imagem: pintura de um corpo, de pele de tom amarronzado, flutuando em meio a mãos que o agarram pelos braços, pernas e torço. O corpo não possui cabeça e está rodeado de olhos flutuantes. Nas margens da arte, há mãos se estendendo em direção ao corpo.



Descrição da imagem: pintura de uma pessoa, de tom de pele amarronzado, sem roupas, sentada de frente para a tela. Seu rosto é uma máscara branca, com um fino sorriso vermelho desenhado. Os cabelos são azuis, curtos e encaracolados. Há um balão de fala perto da pessoa no qual está escrito “Que porra é essa?”. As margens da imagem estão preenchidas por um revestimento verde, como se fosse uma floresta.



O Mito do “Peito Batido na Porta”

Vitor Ian Miranda

Se a fala surge da falta do peito (Lacan)

Por que é tanto de “falo” que a voz vós fala?

Fala tanto que até trava... Minha mãe disse-me outro dia:

“Sem ou com, você já é homem. Para mim, você já é!”

Tínhamos até um mito familiar, o do Peito Batido na Porta.

Contava-me minha Mãe, às vezes, para me alegrar:

“Veja bem, suas irmãs mais velhas deram peitudas, você tem

Bunda e Cintura, terá pouco peito; alguém há de me puxar!”

Vezes outra, soltava a história do Peito na Porta:

“Tive cinco filhos, meu peito deu pequeno, porque aos 13 anos o bati numa porta. Doeu tanto! Se bater não cresce tanto...”.

Minhas irmãs ficavam descrentes: “Isso é mentira, só para explicar o peito pequeno.”.

Eu ficava... Será?!

Se a fala vem do peito ou da falta dele, que diabos o “falo” pode significar?

“Mas é só simbólico, estrutural, é sobre funções..”

Se a fala vem da falta do peito, o mito do peito ou a falta dele, o Mito do Peito Bate na Porta da fala que faz a voz vos falar: Sem fala, nada se fala, nem do mito se fala.



O mito já é uma fala, bela estrutura (ou não), que só sabe mostrar que podemos contar uma história única a explicar.. Essencialmente.

Se o mito já é fala, não adianta muito falar.

Psicanálise? Uma ficção gramatical? (Wittgenstein)

O Peito vos fala: “Sem peito, nada ‘falo’!”

Então, não tem “falo”, nem Peito para falar.

Uma ficção gramatical para explicar?!

Bato o Peito na Porta para falar: É grande assim, porque sem ou com eu já sou homem!

Eu bati o peito na porta, o mito/rito não funcionou, mas justamente porque sou homem.

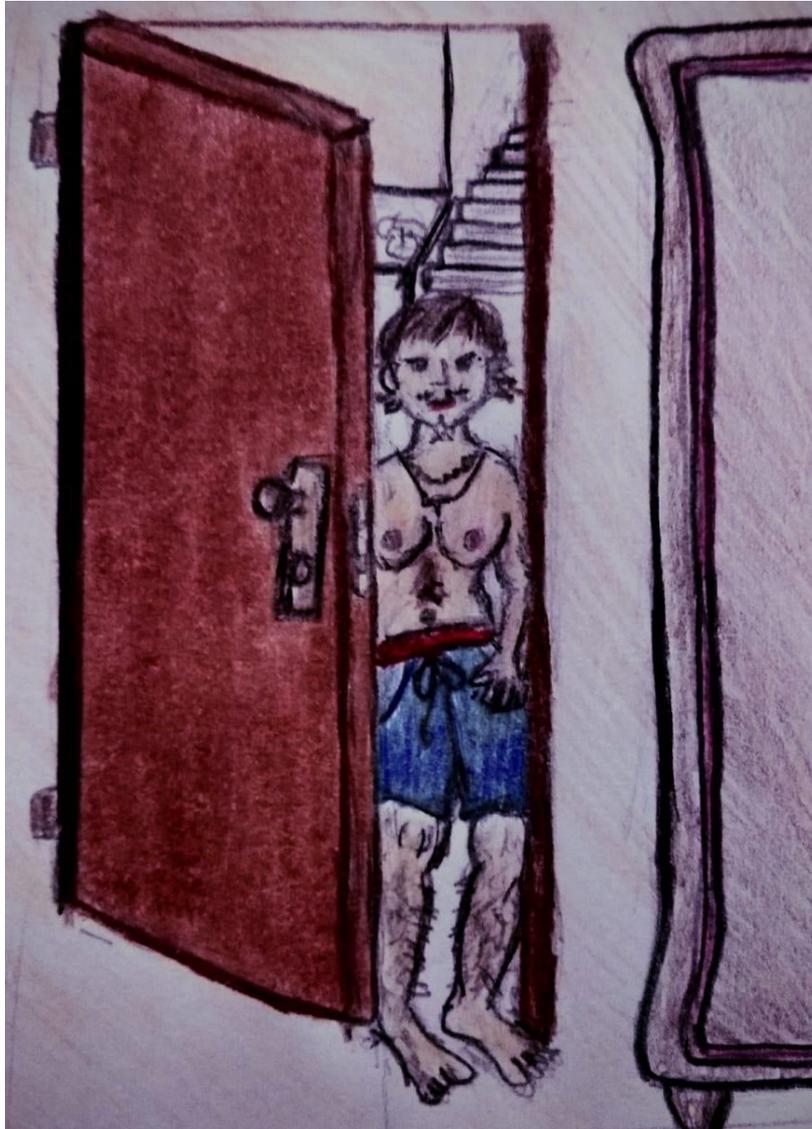
“Sem ou com, você já é homem. Para mim, você já é!” – diz a voz.

Não é de “falo” que a voz (da mãe) vos fala, é do Peito, porque sem Peito nada “falo”.

Bato o Peito de novo na Porta para falar: o mito/rito não funcionou e é porque Homens também têm peito grande para falar.



Desenho de Vitor Ian Miranda

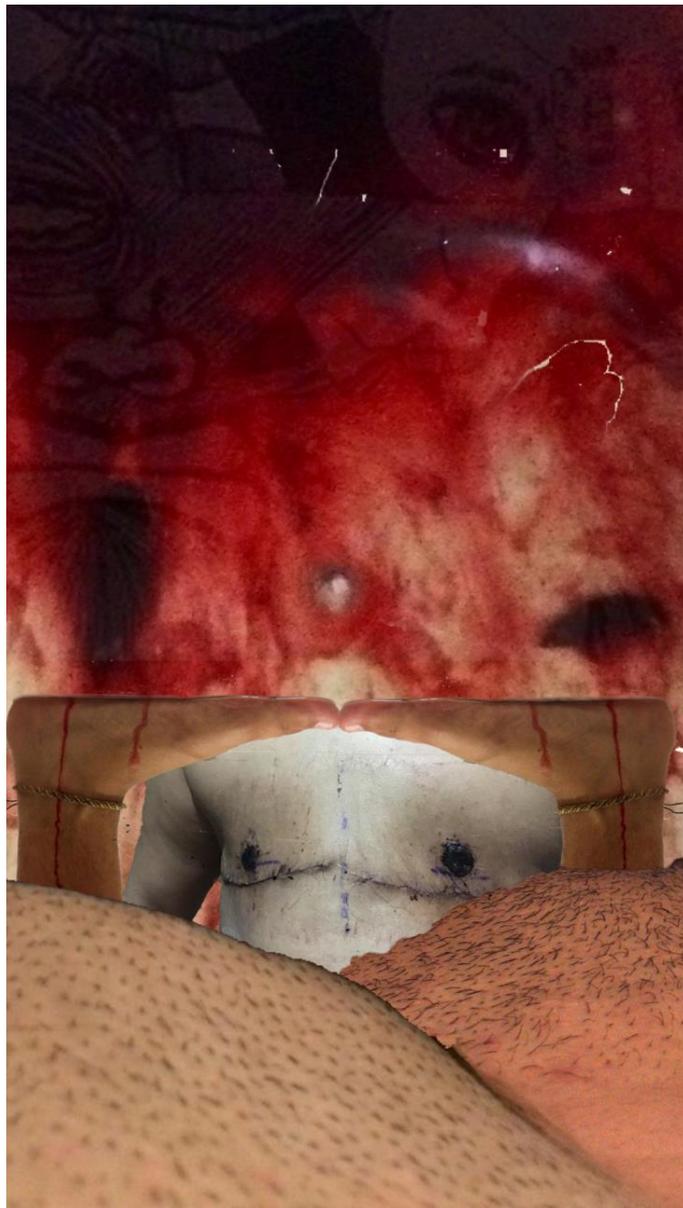


Descrição da imagem: desenho de uma pessoa, de pele clara, vestindo somente um short azul e um colar preto, abrindo uma porta marrom, de frente para a tela. A pessoa possui bigode e barba e seus cabelos são grandes e marrons. Ao fundo, atrás da porta, há uma escada.

Paisagem trans para seu telefone

Técnica: Colagem digital; Ano: 2020

Yuri Cantizano (CANTI)



Descrição da imagem: arte de colagem com o fundo vermelho escuro no topo, ficando vermelho claro até metade da tela. Chegando na metade, há a fotografia do torso de uma pessoa transmasculina, do pescoço até o umbigo, mostrando as marcas da mastectomia (dois riscos longos abaixo dos mamilos. Na parte inferior da imagem, há colagens que remetem a uma pele clara, com pelos crescendo.



ESTUDO DE CASO

Samuel Bittar

"Os peitos fartos, cheios, em pé, consistentes, siliconados; o corpo que é socializado mulher não só é forçado, é produzido também à desejar a hipersexualização, assim como se enrijecer com a culpa dessa imagem pornográfica de si. Não existe; atua uma existência à forma do outro, sem conteúdo por si. É rasgado de dentro pra fora e ensinado a se odiar. É corpo de conflito, de contradição, de negação (...) É isto que chamo de mutilação. Sem laudos."

A seguinte paciente apresentava uma descaracterização mamária autoprovocada. A retirada do conjunto mamário formava um tecido cicatricial em linha horizontal. Eram frequentes as falas em tom histérico, comportamento heteroagressivo e limítrofe para a equipe hospitalar. A convicção discursiva evidencia a gravidade do caso e de um prognóstico crônico.



Arte de Samuel Bittar



Descrição de imagem: desenho em preto e branco de uma vagina vista de cima, com o clitóris desenhado na parte de cima. No meio da imagem, está escrito “pessoas que menstruam”.



A LÓGICA E A PRESCRIÇÃO: EU POSSO EXISTIR AQUI?

Samuel Bittar

A lógica é uma forma de ética, quando a entendemos como um raciocínio prescritivo. Semelhante à matemática e à gramática prescritiva.

Ao nos tornarmos tão apegados a essas abstrações e atividades mentais, sentimos que são mais fundamentais, sagradas e desligadas das coisas mundanas. Negligenciando o fato de que cada um deles é tanto uma atividade humana quanto a codificação dessa atividade de tal forma que outros se comportem de maneira idêntica. Particularmente quando comunicamos isto a outro, utilizando atos de fala para alterar e manufaturar o comportamento de outros.

O que a lógica faz (como a matemática ou gramática prescritiva); é um conjunto de regras de como devemos gerar, manobrar e sentir sobre símbolos/abstrações, conjuntos de símbolos/abstrações e a relação entre eles. E comunicar é entender que podemos usar a linguagem para alterar os comportamentos cognitivos — e, subsequentemente, corporais dos outros. Pois, se pudermos levá-los a raciocinar dessa ou daquela maneira, eles poderão então chegar a essa ou àquela conclusão, e agir dessa ou daquela maneira. Estabelecer um conjunto de regras lógicas e comunicá-las é dizer “É assim que devemos manobrar esses símbolos”, “você deve se sentir como este é falso, e esse é verdadeiro”. E se perguntarem o que é sentir que algo é verdadeiro ou falso; teríamos que especificar que sentir como se algo fosse verdade é sentir que é assim que queremos que as coisas sejam, e que algo seja falso para nos sentirmos assim não é como as coisas deveriam ser.

A maneira como ordenamos, raciocinamos e organizamos símbolos matemáticos é igualmente a mesma.

E, claro, como todas as nossas abstrações e atividades mentais, elas podem ser aplicadas ao mundo da maneira que escolhermos, ser usadas como ferramentas para realizar qualquer desejo inócuo que possa acontecer. Mas, quando os codificamos e divulgamos; estamos estabelecendo regras de como se deve pensar e sentir. Como se



fazer prescrições sobre esse comportamento específico — raciocínio — fosse de algum modo sagrado e exaltado acima de todos os outros tipos de comportamento. Que os comportamentos codificantes sobre como alguém deve manobrar seus corpos são éticos; mas fazê-lo para comportamentos cognitivos é totalmente diferente e intocável. Como aqueles que se sentem em busca do conhecimento em prol do conhecimento, de alguma forma não é o hedonismo, que é “superior” e “acima” as atividades “mais básicas”. Quando é tão ganancioso quanto qualquer outro empreendimento hedonista.

Isto não é uma crítica ao prescritivismo, em vez disso, simplesmente faço a pergunta: "Para que fim?". Pois, se alguém está utilizando o raciocínio prescritivo e tentando convencer os outros a serem os mesmos que eles, eu gostaria de saber qual é o objetivo final exato, que estado de ser que eles estão tentando alcançar ao mudar os outros. Como é no final uma receita; está aberto às questões e críticas que temos para qualquer outro sistema de ética? E principalmente, para que serve, pois sem a conceituação de um objetivo final, um estado ideal de ser, não há medida para a qual comparar sua prescrição, não há meios de dizer que se tratava de uma receita eficaz ou não.



Arte de Samuel Bittar



Descrição da imagem: Desenho da frase “Make brasil maricona de novo”, em letras pretas fortes.



TRANSgressão política: a força das candidaturas transexuais nas eleições municipais de 2020.

Nicole Tassar e Thiago Moreira

Assistimos no último dia 15 de novembro uma ascensão política significativa da comunidade T nas eleições municipais brasileiras, comunidade que, na sigla oficial LGBTQI+, representa pessoas transexuais e travestis. Segundo a ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil¹, foram contabilizadas duzentas e noventa e três candidaturas de pessoas trans nas eleições de 2020, um número histórico, sendo duzentas e sessenta e duas candidaturas de mulheres trans ou travestis, dezenove de homens trans e doze de pessoas que se identificam como não-binárias.

De todas estas, vinte e sete foram democraticamente eleitas. Número nunca antes alcançado na história do país e que representa 200% a mais se comparado aos números das eleições de 2016. O recorde dessas representações políticas nos coloca diante da oportunidade de presenciar um capítulo importante da história da luta pelos direitos das pessoas trans, mas também desperta o sentimento de contradição, já que o próprio sistema define que os recordes ligados a essas pessoas no Brasil sejam infelizmente cruéis e desumanos. No mesmo ano em que o número de rostos transexuais impressos nas urnas por todo o Brasil cresceu, também houve um aumento de 47% nos assassinatos dessas pessoas em relação ao mesmo período de 2019. Foram, até aqui, cento e cinquenta e uma mulheres e travestis mortas pelo sistema que insiste em tentar negar as identidades de toda uma população.

O paralelo entre os dois recordes mostra que várias mulheres trans não puderam ser combatidas pelo sistema, o que tornou-as portanto, combativas. A importância da ocupação de espaços políticos institucionais pela população trans é uma luta por sobrevivência e reconhecimento de dignidade. Por mais progressista e aliado à causa que fosse qualquer representante político cisgênero, este jamais seria capaz de entender

¹ Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/11/16/candidaturas-trans-eleitas-em-2020/>



as subjetividades de ser transexual em um país historicamente transfóbico e que ocupa, ainda hoje, o primeiro lugar nos assassinatos de transgêneros no mundo.

Por isso o papel de pessoas cis, protagonistas no processo comunicacional, precisa ser de amplificar essas vozes que ecoam em toda parte. É obrigação da grande mídia e dos produtores do bom jornalismo trazer para suas pautas conquistas como esta, de uma população que se mostra cansada por aparecer nas manchetes apenas como estatística. Os nomes das candidatas e candidatos eleitos de norte a sul do país precisam ser conhecidos, com destaque para a primeira categoria, já que entre as vinte e sete candidaturas eleitas, apenas uma foi de um homem trans. Eleito vereador de São Paulo entre os vinte mais votados, Thammy Miranda teve 40 mil votos e representa o primeiro homem trans eleito para um cargo público no país.

Essa discrepância nos números não é representada apenas no momento da eleição, ao mesmo tempo em que mais mulheres trans chegaram ao poder dos cargos públicos, elas também são a maioria nos números referentes à violência. No ano de 2020, 100% dos casos de generocídio – termo que define o assassinato de pessoas apenas pelo seu gênero – foram contra mulheres trans e travestis, em sua maioria, negras. São um grito de resistência os resultados nas urnas, quando 35% das eleitas são mulheres negras e sete candidatas foram as mais votadas em suas cidades, sendo elas: Linda Brasil (Aracaju - SE), Dandara (Patrocínio Paulista - SP), Tieta Melo (São Joaquim da Barra - SP), Lorim de Valéria (Pontal - SP), Duda Salabert (Belo Horizonte - MG), Titia Chiba (Pompeu - MG) e Paultete Blue (Bom Repouso - MG).

Outro destaque importante a ser pontuado é a candidatura de Érika Hilton, a candidata travesti e negra de São Paulo que alcançou várias marcas importantes, contrariando as estatísticas e sendo eleita como a mulher mais votada da maior cidade da América Latina. Além disso, Érika foi também a mulher negra mais votada na história de São Paulo e a mulher mais bem votada do PSOL em todo o Brasil.

“Sigamos firmes, sigamos resistentes, sigamos resilientes. Estamos dando apenas um start no que será uma longa, bela e produtiva caminhada, não seremos interrompidas, não nos intimidaremos e faremos história não só na câmara municipal de São Paulo, faremos história no mundo, porque nossas vozes vão ecoar. [...] Este não é um mandato de gabinete, é um mandato do povo. Se preparem, as travestis, as negras,



as pobres voltaram com força e para fazer revolução!” disse Érika no discurso da vitória em sua rede social.

Que seja assim o primeiro passo para uma grande revolução agregadora, em que este e outros grupos minoritários façam parte da estruturação de uma nova noção de sociedade, respeitando suas especificidades, potencialidades e principalmente necessidades. Que seja o princípio de uma real TRANSformação na política desse país.

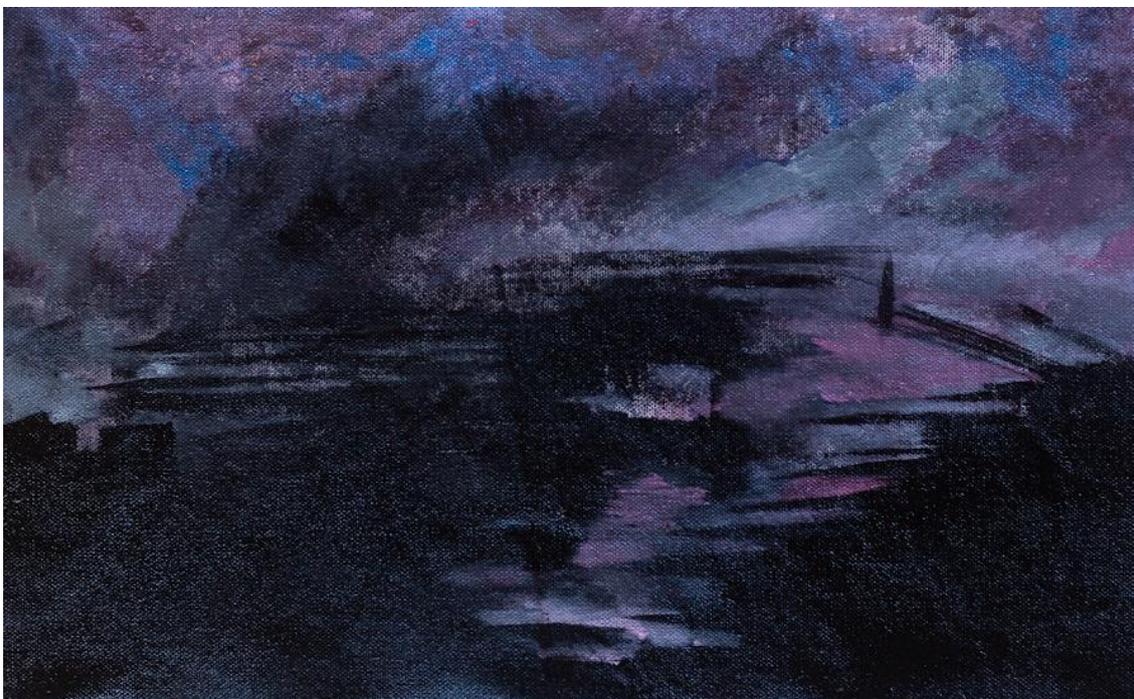
TRAVESSIA

Duas artes da série “Travessia”

Raoni Freitas



Descrição de imagem: pintura abstrata em tons de roxo, lilás e cinza. De cima para baixo, o tom é escuro e se torna lilás, retornando a uma tonalidade roxa escurecida na parte inferior da arte. O traçado é forte e as pinceladas se entrecruzam.



Descrição de imagem: pintura abstrata, com tons de azul, roxo e preto, remetendo a uma ponte por cima de um rio. A parte superior está preenchida por tons azulados e roxos, e, do meio da tela até a parte inferior, o tom escurece. Traços pretos se conectam por cima da parte roxa, como uma ponte.



NOTAS SOBRE PSICOLOGIA, PRÁTICA PROFISSIONAL, CISNORMATIVIDADE E POPULAÇÃO TRANS

Alexandre Gregório Silva Sampaio

Resumo

Este ensaio possui como prerrogativa refletir sobre a atuação de profissionais da psicologia frente a demandas clínicas da comunidade trans. Nesta perspectiva, discuto a partir da minha posição de homem trans com formação na área sob a qual se desenrolam as reflexões, sobre a importância de localizar a cisnormatividade como um marcador estruturante e importante na investigação do sofrimento e adoecimento psíquico. Da mesma forma, considero necessário situá-la também em nossas práxis como profissionais, sobretudo das/dos profissionais cisgêneros, uma vez que, por ser estruturante das relações, atravessar os discursos e práticas, sua naturalização indica possíveis interferências nas intervenções clínicas, no respeito e acolhimento de modo a desfavorecer uma prática que auxilie no combate ao sofrimento e adoecimento psíquico deste grupo. Entendo que, somado às discussões importantíssimas acerca da importância de um exercício profissional afinado ao movimento de despatologização das identidades e experiências trans, é necessário posicionar o olhar para o compromisso com uma postura anticissexista e anticisnormativa que, porventura, possa ainda vir a interferir no nosso manejo como profissionais da psicologia, seja partindo de uma posição cis ou trans.

Palavras-chave: Psicologia; cisnormatividade; cisgeneridade; população trans.

O Conselho Federal de Psicologia, por meio da Resolução nº 1, de 29 de Janeiro de 2018, estabeleceu algumas normas de atuação para profissionais da psicologia frente às demandas de pessoas trans e travestis. Partindo de alguns princípios fundamentais previstos na Constituição Federal de 1988, bem como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948, a Declaração de Durban e os Princípios discutidos na Convenção de Yogyakarta, de novembro de 2006, a Política Nacional de



Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, publicada em 2013 pelo Ministério da Saúde, dentre outros, e considerando também a necessidade de despatologização das expressões e identidades de gênero, entendendo-as como possibilidades outras de existência, e a cisnormatividade como uma estrutura de regramento social que parte de divisões binárias – masculinas e femininas – estabelecendo e naturalizando papéis sociais, excluindo, patologizando e violentando vivências dissidentes às normativas, convocamos profissionais da psicologia a se comprometer com uma atuação cuja reflexão esteja voltada para o combate às práticas transfóbicas, discriminatórias ou de preconceitos voltadas para nossa comunidade. Além disso, dentre outras prerrogativas, orienta-se para que profissionais da psicologia não sejam coniventes e omissos frente a atos discriminatórios ou utilizem instrumentos e técnicas que criem ou reforcem preconceitos, estereótipos e estigmas.

No que tange à atuação desses profissionais no SUS frente ao processo “transexualizador”, de acordo com nota técnica sobre isso e demais formas de assistência às pessoas trans, o Conselho Federal de Psicologia endossa o compromisso em garantir à população trans o respeito à dignidade e acesso aos serviços do SUS, não constituindo tais identidades uma psicopatologia, independente de performar ou não as concepções normativas para os gêneros. Indica ainda, através da portaria MS nº 1.707/2008, que o processo terapêutico não deve se restringir à tomada de decisão sobre procedimentos cirúrgicos e/ou outros processos de modificação corporal. Estabelece ainda que o trabalho deve ser pautado na integralidade e humanização sem se restringir ou centralizar-se no procedimento cirúrgico de transgenitalização e que o profissional necessita manter-se em atualização constante frente aos estudos culturais e pesquisas, de modo a ter um respaldo teórico para o entendimento desse contexto social e superação de concepções heteronormativas.

De acordo com Conselho Regional de Psicologia da cidade de Porto Alegre – Rio Grande do Sul (2016), a transexualidade passou a constar no Código Internacional de Doenças (CID) a partir do conceito “transexualismo”, que denota uma doença. Em 1994, o Comitê do DSM – IV substituiu o termo por “transtorno de identidade de gênero”, e em versão mais atualizada da Associação Americana de Psiquiatria a nomenclatura utilizada é “disforia de gênero”, após grande pressão dos movimentos sociais e do ativismo da campanha Stop Trans Pathologization.

No que se refere às resoluções do Conselho Federal de Medicina, é possível indicar modificações nas terminologias ao longo dos anos e mudança em alguns procedimentos. De acordo com Beatriz Bagagli (2020), a Resolução nº 2.265, de 20 de setembro de 2019, que revoga a Resolução anterior do CFM nº 1.955/2010, apresenta diferenças significativas acerca dos discursos sobre as identidades de gênero e os processos envolvendo o acompanhamento multidisciplinar, sobretudo quando se pensa a primeira resolução do CFM – Nº 1.482 de 1997 – acerca do “processo transexualizador” do SUS, que caracterizava a população trans como portadora de “desvio psicológico permanente de identidade sexual, com rejeição do fenótipo e tendência à automutilação e/ou autoextermínio”, reflexo das constantes lutas pela despatologização das identidades. Entretanto, apesar das orientações acerca da importância de uma prática afinada, a constante desconstrução de concepções e posturas que flertam com a cisnormatividade, bem como da necessidade de reflexão sobre estudos e pesquisas culturais sobre as temáticas de gênero para compreensão de outras vivências e contextos de vida, percebo poucas produções do campo psi voltadas para este tema, sobretudo pensando a cisnormatividade no próprio exercício da profissão. Desta forma, a proposta deste trabalho é refletir um pouco sobre este aspecto que é fundamental para compreender essas posições e possíveis repercussões na prática psicológica.

Cisgeneridade e Cisnormatividade

De acordo com Jaqueline Gomes de Jesus (2015), o termo cisgênero surgiu por volta dos anos 2000 para se referir a pessoas não-trans. A partir disso, foi possível pensar que essas pessoas também possuíam uma identidade de gênero e privilégios em função disso. A ideia de negatividade ao trans – “não-trans” – desvelava o teor patologizante e soava como um contraponto àqueles que não são “normais”. Nesse sentido, o conceito se fez necessário para o processo de humanização da comunidade trans.

Sobre o termo cisgênero, Leila Dumaresq (2014) afirma que é útil também para descentralizar e romper com a hierarquização que a falta do mesmo suscita, estabelecendo essas identidades como alternativas, substituindo sua posição normativa que direcionava as identidades trans para os desvios. Além disso, essa terminologia –



homens – cis/ mulheres – cis/ encerram termos como homens de verdade, mulheres de verdade, dentre outros de cunho genitalista ou patologizador. Em suas palavras,

Reconhecer a cisgeneridade significa, sim, o reconhecimento das assimetrias, dos lugares de fala desiguais, das diferenças. E significa também ouvir as pessoas trans. Saber que estamos passando por dificuldades que as pessoas cisgênera não passam. Que sofremos de exclusão, ignorância, ódio e violência. (DUMARESQ, 2014, s.p)

Reconhecer a existência desta categoria e pensá-la como uma categoria de análise é, portanto, legitimar a diversidade de existências e possibilitar o pensamento crítico sobre o lócus cisgênero e suas implicações na relação consigo, com a sociedade e também com a comunidade trans. Marinho (2019), por sua vez, reflete de forma bastante emblemática sobre a cisgeneridade, esses outros múltiplos que não somos nós, em suas palavras “outros cisgêneros” (s.p). Ela pontua como a cisheteronormatividade é estruturante das relações sociais atravessando nossa constituição de sujeitas/os/es – cis/trans. Nessa perspectiva, nosso entendimento de mundo, embebida da ótica cisgênero que nos é apresentada desde o nascimento, implica de diversas formas em nosso ser com o mundo e ser com o outro. De modo geral, partindo de uma posição que é cisheterocentrada, entender as singularidades das experiências trans pode constituir-se um desafio em casos onde o convite para nos despirmos das roupagens – cis – que nos foram oferecidas desde nosso nascimento não tenha tido o devido aceite.

Ainda é presente em MARINHO (2019); JESUS (2015) e DUMARESQ (2014) a seguinte constatação sobre o termo cisgênero: ele não surgiu concomitante ao termo “transexualidade”. Isso desvela como as experiências trans sempre foram alocadas no lugar de Outro² – aquele Outro patológico, anormal. A cisgeneridade não foi pensada pelas pessoas cisgênero como uma categoria de análise. Apenas as identidades trans.

O que isso revela é que na verdade dar visibilidade à causa das pessoas trans/travesti sem chamar atenção para a cisgeneridade é uma continuidade da patologização dos nossos corpos. Isso porque existe uma lógica por trás dessa não-reflexão aparentemente ingênua sobre a cisgeneridade: é que pessoas cisgêneras não se pensam como tal porque elas são ensinadas que são

²Sobre isso, recomendo o livro “O que é lugar de fala” da Djamila Ribeiro (2017). Embora ela apresente esta perspectiva pensada a partir das relações de racismo, penso que esse lugar de Outro pode estar imbricado na experiência das pessoas trans em relação à cisheteronormatividade e cisgeneridade, sobretudo interseccionando com raça e outros marcadores sociais.



normais enquanto nós somos as pessoas trans (e nada mais que isso)
(MARINHO, 2019, s.p).

Ainda de acordo com Dumaresq (2014), a partir do resgate da história da transgeneridade no século XX, é possível perceber dois aspectos que caracterizaram este período: 1) A comunidade trans se estabeleceu como um grupo social e político através da luta por direitos; 2) Foi um período marcado pela circulação dos discursos médicos e apropriação de nossos corpos a partir da patologização e procedimentos voltados para nosso grupo, algo que repercute na necessidade, ainda presente, de laudos e procedimentos médicos para validação das nossas identidades, inclusive por parte dos profissionais da psicologia.

Desta forma, é perceptível a necessidade de um olhar comprometido com essas discussões e reflexões, uma vez que não pensar sobre a cisgeneridade é nos colocar e/ou manter-nos na posição desses Outros patológicos. O tensionamento provocado pelos movimentos de pessoas trans e transfeministas³ é “um convite para olhar para esses corpos sob uma nova ótica” (Marinho, 2019, s.p). Uma ótica de visibilização das relações interpessoais com pessoas cisgênero, as engrenagens cisnormativas e cissexistas, e em que medida ocorrem atravessamentos em nossos processos de subjetivação e interação com os outros.

Práticas Psi e cisnormatividade

Pensarmos no processo com o outro que busca por atendimento é uma condição primordial para entender nossa dinâmica interventiva e nossa posição como profissionais, que são regidas/os/es por princípios éticos e diretrizes baseadas nos direitos humanos, no acolhimento e respeito às diversidades e singularidades humanas. O Conselho Federal de Psicologia nos orienta para uma prática comprometida com a despatologização das identidades trans e atualização em termos de estudos sobre pesquisas e produções culturais acerca da temática, para que possamos entender melhor o contexto e dinâmica de vida da comunidade trans e nos atualizarmos em relação a isso.

³Para uma reflexão mais aprofundada sobre a interlocução entre psicologia, cisheteronormatividade e transfeminismo, indico o artigo “Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/17181>. Acesso em: 17/01/21.



Entretanto, percebo a importância de que nós, profissionais da psicologia, nos pensemos a partir de nossas posições de sujeitas/os/es no mundo, uma vez que elas podem interferir em nossa práxis, na forma de acolhimento, empatia e intervenção clínica. Acredito que o processo de despatologização perpassa a auto implicação no processo, bem como a abertura para uma escuta afinada aos estudos sobre gêneros de modo a obter uma melhor compreensão sobre o universo experiencial e a humanização do cuidado e contato com o outro. Cabe a nós nos questionarmos: em que medida nossos corpos – cis/trans – impactam na experiência clínica das pessoas trans e/ou travestis que procuram por atendimento? Sendo eu cis ou trans, como isso repercute no setting clínico a partir das intervenções, do pensar essa outra pessoa que eu atendo? Como é para ela ser atendida por mim? Como é para mim – nos casos de identidades cis – atender uma pessoa cuja realidade de vida é dissidente à minha e à grande estrutura social que nos atravessa e afeta de diversos modos e lugares? Como eu posso entender essa realidade sem me sobrepor a ela? Como posso construir uma intervenção terapêutica anticisnormativa e anticissexista?

Como homem trans e refletindo a partir desse lugar, percebo uma movimentação da minha comunidade em busca de profissionais que de fato compreendam a nossa realidade de forma empática e até mesmo representativa. Isso diz sobre a existência de uma demanda e a necessidade de um olhar verdadeiramente implicado no entendimento dos processos e vivências de pessoas cuja cidadania e direitos humanos básicos ainda têm estado em voga. Diz também sobre a urgência em se pensar sobre os processos de despatologização de forma mais ampla, abarcando o fazer clínico das profissões cuja maioria ainda é formada por pessoas cisgênero que costumeiramente não foram orientadas/educadas a pensar a partir de suas identidades.

Há, também, a realidade das pessoas trans que trabalham como psicólogas/os/es. Percebo pouca movimentação em se refletir sobre esse lugar. Um espaço – como tantos outros – que não foi pensado para a nossa existência como profissionais. Como será para uma mulher trans/travesti atender pessoas – maioria cisgênero – que são atravessadas por concepções marginalizantes e estereotipadas sobre estas identidades? E para os homens trans e transmasculinos? O que a psicologia enquanto campo profissional tem a ver com isso, para além do direito ao uso do nome social na profissão? São algumas inquietações que me tomam enquanto pessoa trans e profissional da área.



Considerações Finais

Tal como afirma Senkevics (2016), a proposta deste ensaio não é “criar uma dicotomia entre pessoas cis e pessoas trans e sim evidenciar o caráter ilusório da naturalidade da categoria cis” (s.p). Esse processo é importante na medida em que vivemos em uma estrutura cissexista – que desconsidera a existência e necessidades básicas da população trans. O entendimento dos lugares sociais e suas implicações práticas no cotidiano, não implicam em culpabilização, “mas ao reconhecimento de vivências e de lugares de fala distintos necessários para um diálogo aberto sobre como essas experiências se afetam mutuamente e fazem parte de um jogo de construção e manutenção da estrutura social” (MARINHO, 2019, s.p).

A despeito das discussões, pesquisas, ativismos e transativismos, da diversidade de conhecimentos e produções acerca dos estudos sobre os gêneros, em especial daqueles voltados para a comunidade trans, bem como das orientações do Conselho Federal de Psicologia para a construção de uma prática afinada aos processos de despatologização das identidades e vivências trans e travestis, em interface com o reconhecimento dos direitos humanos básicos e da cisnormatividade como estruturante das relações sociais, a necessidade de se aprofundar em entender as engrenagens oriundas da posição de pessoas cis e da matriz cisnormativa e suas implicações no fazer psicológico foi uma constante neste trabalho. Tal como afirma Jesus (2015) “estamos em uma fase de repúdio da verdade cisgênero” (s.p), isso implica que há grande relevância em entender as narrativas e reivindicações desta categoria que já nasceu subalternizada. A partir de minha posição como psicólogo e homem trans, interessei-me em provocar, de forma breve, este outro lugar – o da cisgeneridade e cisnormatividade – no próprio campo psi e suas repercussões em termos de setting terapêutico.

Referências

BAGAGLI, Beatriz Pagliarini. Sobre a Resolução nº 2.265 do Conselho Federal de Medicina. Transfeminismo: feminismo interseccional relacionado às questões trans. 2020. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-a-resolucao-no-2-265-do-conselho-federal-de-medicina/> Acesso em: 18/01/21



CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 1, de 29 de Janeiro de 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/01/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-01-2018.pdf> Acesso em: 18/01/21

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Nota técnica sobre processo transexualizador e demais formas de assistência às pessoas trans. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/documentos/nota-tecnica-sobre-processo-transexualizador-e-demais-formas-de-assistencia-as-pessoas-trans/> Acesso em: 18/01/21

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. Nota técnica do CRPRS acerca da produção de documentos psicológicos em situações de alteração/ adequação de nome no registro civil e procedimentos de modificação corporal de pessoas transexuais e travestis. Porto Alegre, 16 de Setembro de 2016. Disponível em: <https://www.crprs.org.br/conteudo/nt01.pdf> Acesso em: 18/01/21

DUMARESQ, Leila. O cisgênero existe. Transliteração. 2014. Disponível em: <http://transliteracao.com.br/leiladumaresq/2014/12/o-cisgenero-existe/> Acesso em: 18/01/21

JESUS, Jaqueline Gomes de. A verdade cisgênero. Blogueiras Feministas. 2015. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2015/01/28/a-verdade-cisgenero/> Acesso em: 18/01/21

MARINHO, Muriel. (In) visibilidade trans/travesti ou sobre a urgência em visibilizar a cisgeneridade. Miss Lalidis: laboratório de linguagens e diversidade sexual. 2019. Disponível em: <https://lalidis.com.br/index.php/2019/11/19/invisibilidade-trans-travesti-ou-sobre-a-urgencia-em-visibilizar-a/> Acesso em: 18/01/21

MATTOS, Amana Rocha; CIDADE, Maria Luiza Rovaris. Para pensar a cisheteronormatividade na psicologia: lições tomadas do transfeminismo. Periódicus. N. 5, v. 1 maio – out. 2016 p. 132-153; Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/17181> Acesso em: 18/01/21

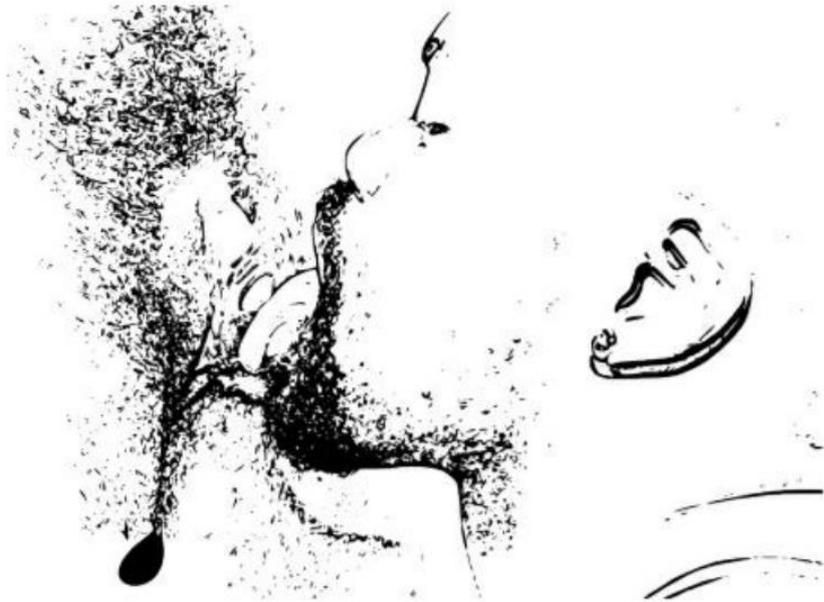
RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais)



SENKEVICS, Adriano. O que é uma pessoa cis e cissexismo. Portal Geledés. 2016.
Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-sao-pessoas-cis-e-cissexismo/>Acesso
em: 18/01/21

COMO CHUPAR UM HOMEM TRANS

Leonardo Tenório



EM ESPECIAL OS HOMENS CIS GAYS, MUITAS VEZES NUNCA VIRAM UMA BUCETA NA SUA FRENTE. ALGUNS TÊM UM MEDO ESCROTO DO GOSTO OU DO CHEIRO. OUTROS APENAS SIMPLEMENTE NÃO SABEM O QUE FAZER, JÁ QUE NÃO VEEM ALGO DE FORMA CILÍNDRICA E GRANDE ALI.

INDEPENDENTE DA EXPERIÊNCIA, NÃO HÁ NENHUM BICHO DE SETE CABEÇAS, POIS HOMENS TRANS SÃO PESSOAS. E QUANDO VOCÊ CHUPA, NÃO CHUPA SÓ UM CORPO DIFERENTE DAQUELE QUE VOCÊ SEMPRE VIU. VOCÊ CHUPA UMA PESSOA. O SEGREDO MAIOR VOU CONTAR LOGO, SEM FAZER SUSPENSE: É SÓ CHUPAR COM VONTADE DE DAR PRAZER ÀQUELA PESSOA. FAZER ELA SENTIR MUITO PRAZER, E, QUEM SABE, GOZAR NA SUA BOCA.

OS HOMENS TRANS E PESSOAS TRANSMASCULINAS NO GERAL TÊM UMA RELAÇÃO VARIADA EM RELAÇÃO AO SEU ÓRGÃO SEXUAL. ALGUNS NÃO SE PERCEBEM COM UMA

"BUCETA", SIM COM UMA BILOLA, E APENAS ISTO. OUTROS MESMO QUE NÃO CURTAM PENETRAÇÃO, TAMBÉM NÃO TÊM VERGONHA DE SUA VAGINA, E GOSTAM DE SER CHUPADOS. OUTROS SE SENTEM MESMO COM UMA BUCETINHA, UMA BUCETA OU UM BUCETÃO.

É PARTE IMPORTANTE DESSE SEXO ORAL SABER MAIS OU MENOS COMO SEU PARCEIRO/TREPANTE PERCEBE SEU ÓRGÃO SEXUAL, AJUDA NA HORA DE SABER ONDE COLOCAR A LÍNGUA E QUAL MOVIMENTO FAZER. MAS VOCÊ TAMBÉM NÃO PRECISA FICAR NA NOIA, PORQUE ÀS VEZES, MESMO SEM ESTAR NO INÍCIO DA TRANSIÇÃO, ELE PODE DESCOBRIR NOVAS FORMAS DE SENTIR PRAZER COM VOCÊ. MAS, CLARO, TUDO PRECISA SER FEITO COM CONSENTIMENTO.

O CLITÓRIS, ESTE BENDITO, É HEGEMÔNICO ENTRE OS HOMENS TRANS. UNS SÃO MAIS FÁLICOS, OUTROS SÃO MENOS. ALIÁS, TEM UNS QUE SÃO FÁLICOS PASSIVOS, E OUTROS PODEM SER UMA BELA DE UMA ROLA. A QUESTÃO É... ELE É UMA DAS PRINCIPAIS FONTES DE PRAZER PROS TRANS.

O CLITÓRIS NÃO É UM BOTÃO PARA SE APERTAR. VOCÊ PODE CHUPÁ-LO IGUALZINHO A COMO SE CHUPA QUALQUER OUTRO PÊNIS, ISSO GERALMENTE É O QUE DÁ



MAIS PRAZER. NÃO É PARA CHUPAR MUITO FRACO, COMO SE VOCÊ ESTIVESSE CHUPANDO DEDO. TAMBÉM NÃO É PARA CHUPAR MUITO FORTE, SENÃO DOI. AGORA PASSAR A LÍNGUA COMO SE VOCÊ ESTIVESSE FAZENDO AQUELES GRITINHOS AGUDOS QUE MULHERES ÁRABES FAZEM, POR FAVOR, PARE. ESQUEÇA TAMBÉM A MAIORIA DOS FILMES PORNÔS QUE VOCÊ JÁ VIU. ELES NÃO ENSINAM NADA.

E POR FALAR EM FALO, É BOM SABER QUE UM HOMEM TRANS TE COMENDO COM UMA PRÓTESE PENIANA, DEPENDENDO DO ENVOLVIMENTO E DA FORMA COMO VOCÊ SE ENVOLVE COM ESSE CARA NA CAMA, É BASICAMENTE A MESMA COISA QUE UM PÊNIS DE CARNE. ALIÁS, O AUTOR DESTA JURA DE PÉ JUNTOS QUE JÁ COLOCOU A ROLA-PRÓTESE DE UM HOMEM TRANS NA BOCA E SENTIU ELA PULSANDO. DE VERDADE. AGORA VAMOS VOLTAR A COMO O HOMEM TRANS QUE VOCÊ ESTÁ TRANSANDO GOSTA DE SE SENTIR COM SEU CORPO. SE ELE NÃO GOSTAR DE PENETRAÇÃO, NÃO PENETRE, NEM COM A LÍNGUA (VAI QUE, NÉ... TEM LÍNGUAS GRANDES POR AÍ).







DAÍ VOCÊ TAMBÉM PODE USAR A IMAGINAÇÃO. COM A LÍNGUA, COM OS LÁBIOS E COM OS DEDOS, NA ENTRADA OU NO FUNDO, VOCÊ PODE FAZER MOVIMENTOS DE LEVA E TRÁS, CIRCULARES, ARAMADOS, COM TEXTURA DE ZEBRA OU DE ONCINHA. AGORA NÃO SÃO MOVIMENTOS ALEATÓRIOS, TÁ? SÃO AQUELES QUE VOCÊ SENTIR QUE FAZEM SENTIDO E QUE DÃO TESSÃO EM VOCÊ E NELE.

VOCÊ PODE CHUPAR O CLITÓRIS AO MESMO TEMPO, OU PODE COLOCAR O DEDÃO NO CLITÓRIS, QUEM SABE UNS DEDOS NO CUZINHO TAMBÉM, PRA FAZER O SERVIÇO COMPLETO, CASO SEU HOMEM TRANS GOSTE DE SER PENETRADO. ALIÁS, NÃO PRECISAM SER SÓ DEDOS, NÉ. PODE SER UMA PRÓTESE PENIANA. UMA CENOURA, UM PEPINO OU UM ABACATE, PARA AQUELES MAIS AVANTAJADOS.

POR ÚLTIMO, CHUPAR, E ISSO VALE PARA QUALQUER GÊNERO E CORPO, NÃO SE TRATA DE MOVIMENTOS PRÉ-DEFINIDOS, COMO UM KATÁ DE KARATÊ OU DA COREOGRAFIA DA UMA MÚSICA DA BEYONCÉ. TRATA-SE DA TROCA DE PRAZER ENTRE DUAS PESSOAS, DO ENVOLVIMENTO COM O EROTISMO DO OUTRO. DA PUTARIA MESMO. O QUE NÃO VALE É ELE TE CHUPAR GOSTOSO E VOCÊ DEIXAR O CARA NA MÃO, NÉ?

É ISSO. ME CHUPA?



LEONARDO TENÓRIO É HOMEM TRANS E
PESQUISADOR

LEONARDOTENORIO89@GMAIL.COM

ALGUMAS ILUSTRAÇÕES DESTES ZINE SÃO DO PROJETO ARTECÔMIO
CAOS E POESIA

[HTTP//FACEBOOK.COM/CAOSEPOESIA](http://facebook.com/caosepoesia)

...AS DEMAIS FORAM PIRATEADAS DA INTERNET

Descrição de imagens: Zine “Como chupar um homem trans”, de Leonardo Tenório. O zine se inicia com o desenho, em preto e branco, de uma pessoa, de cavanhaque preto e careca, lambendo uma buceta. O desenho é sucedido pelo texto: “Em especial os homens cis gays, muitas vezes nunca viram uma buceta na sua frente. Alguns têm um medo escroto do gosto ou do cheiro. Outros apenas simplesmente não sabem o que fazer, já que não veem algo de forma cilíndrica e grande ali. Independente da experiência, não há nenhum bicho de sete cabeças, pois homens trans são pessoas. E quando você chupa, não chupa só um corpo diferente daquele que você sempre viu. Você chupa uma pessoa. O segredo maior vou contar logo, sem fazer suspense: é só chupar com vontade de dar prazer àquela pessoa, fazer ela sentir muito prazer, e, quem sabe, gozar na sua boca. Os homens trans e pessoas transmasculinas no geral têm uma relação variada em relação ao seu órgão sexual. Alguns não se percebem com uma “buceta”, sim com uma bilola, e apenas isto. Outros mesmo que não curtam penetração, também não têm vergonha de sua vagina, e gostam de ser chupados. Outros se sentem mesmo com uma bucinha, uma buceta ou um bucatão. É parte importante desse sexo oral saber mais ou menos como seu parceiro/trepante percebe seu órgão sexual, ajuda na hora de saber onde colocar a língua e qual movimento fazer. Mas você também não precisa ficar na nóia, porque às vezes, mesmo sem estar no início da transição, ele pode descobrir novas formas de sentir prazer com você. Mas, claro, tudo precisa ser feito com consentimento. O clitóris, este bendito, é hegemônico entre os homens trans. Uns são mais fálicos, outros são menos. Aliás, tem uns que são fálicos passivos, e outros podem ser uma bela de uma rola. A questão é... Ele é uma das principais fontes de prazer pros trans. O clitóris não é um botão para se apertar. Você pode chupá-lo igualzinho a como se chupa qualquer outro pênis, isso geralmente é o que dá mais prazer. Não é para chupar muito fraco, como se você estivesse chupando dedo. Também não é para chupar muito forte, senão dói. Agora, passar a língua como se você estivesse fazendo aqueles gritinhos agudos que mulheres árabes fazem, por favor, pare. Esqueça também a maioria dos filmes pornôs que você já viu. Eles não ensinam nada. E, por falar em falo, é bom saber que um homem trans te comendo com uma prótese peniana, dependendo do envolvimento e da forma como você se envolve com esse cara na cama, é basicamente a mesma coisa que um pênis de carne. Aliás, o autor deste jura de pé juntos que já colocou a rôla-prótese de um homem trans na boca e sentiu ela pulsando. De verdade. Agora, vamos voltar a como o homem que você está transando gosta de se sentir com seu corpo. Se ele não gostar de penetração, não penetra, nem com a língua (vai que, né... Tem línguas grandes por aí).” Após esse texto, segue-se a imagem de um homem barbudo fazendo oral em outro homem, que está deitado e com os olhos fechados. Há duas imagens subsequentes que ampliam a pessoa fazendo o oral. Retornando ao texto: “Se ele curtir, uns dedos dentro da buceta pode ser um ótimo coadjuvante. Os dedos precisam estar limpos (para não dar corrimento vaginal) e as unhas cotadas (para não ferir ele por dentro). Só meter os dedos pode ser uma delícia. Tem gente que vai ficar pirando na ideia de achar o ponto G. Novidade: o ponto G não existe. É que o clitóris é essa pitoca que cresce quando a gente toma testosterona, mas tanto nos homens trans quanto nas mulheres cis (e outras pessoas que nasceram com vagina e ainda a possuem) ele possui duas ramificações por dentro do corpo. Quando você toca no fundo da vagina com a palma da mão para cima e sobe as pontas dos dedos, tem muitas chances de encontrar essa parte oculta do clitóris. Só para não deixar passar... Essa parte oculta do clitóris (nem o folclórico ponto G) são botões para fazer gozar, tá? O prazer vem com a sua performance e a disponibilidade do homem trans para sentir prazer”. Após o texto, segue o desenho de



um homem deitado, com as pernas abertas e levantadas, e uma pessoa entre elas fazendo sexo oral nele. Voltando ao texto: “Daí, você também pode usar a imaginação. Com a língua, com os lábios e com os dedos, na entrada ou no fundo, você pode fazer movimentos de leva e trás, circulares, aramados, com textura de zebra ou de oncinha. Agora, não são movimentos aleatórios, tá? São aqueles que você sentir que fazem sentido e que dão tesão em você e nele. Você pode chupar o clitóris ao mesmo tempo, ou pode colocar o dedão no clitóris, quem sabe uns dedos no cuzinho também, para fazer o serviço completo, caso seu homem trans goste de ser penetrado. Aliás, não precisar ser só dedos, né. Pode ser uma prótese peniana. Uma cenoura, um pepino ou um abacate, para aqueles mais avantajados. Por último, chupar, e isso vale para qualquer gênero e corpo, não se trata de movimentos pré-definidos, como uma katá de karatê ou da coreografia de uma música da Beyoncé. Trata-se da troca de prazer entre duas pessoas, do envolvimento com o erotismo do outro. Da putaria mesmo. O que não vale é ele te chupar gostoso e você deixar o cara na mão, né? É isso. Me chupa?”. Segue uma fotografia de perfil, em preto e branco, de Leonardo Tenório, um homem trans branco, de cabelos e barba pretos. Segue o texto “Leonardo Tenório é homem trans e pesquisador. Email: leonardotenorio89@gmail.com. Algumas ilustrações deste zine são do projeto artecômico Caos e Poesia (<http://facebook.com/caosepoesia>)... As demais foram pirateadas da internet”.

Trans Davi

Victório Fróes



Descrição de imagem: arte representando, ao centro, a estátua de Davi, vestindo somente uma saia, com o símbolo trans no ombro direito, e segurando uma grande seringa na mão direita. No fundo, a imagem se divide em três trechos: na parte superior, há um revestimento em espiral, em que há um corpo humano segurando a bandeira trans. No meio, há a imagem de uma legião de pessoas caminhando, segurando tochas pelo deserto. E na parte inferior, há uma gravura bíblica. No canto esquerdo, há uma pessoa crucificada, com os braços abertos em formato de cruz. No canto direito, há a figura de um homem amarrado em uma fogueira, com pessoas encapuzadas em volta, apontando cruzes para ele.



Ybaka mimbira

Victório Fróes



Descrição de imagem: gravura de uma pessoa, do pescoço até a cintura, de braços cruzados, de frente para a tela, com asas verdes saindo das costas. O fundo é azul, remetendo a nuvens, e há, no canto superior esquerdo, uma bola laranja, como se fosse o sol. Abaixo da pessoa, está escrito “a plenitude do viver, quem sabe um dia voar”. Entre as duas frases, há três pequenas cobras azuis.



REFLEXÕES SOBRE TRANSMASCULINIDADES E PRESERVAÇÃO DA VIDA: OS IMPACTOS DA DESLOCALIZAÇÃO

Bruno Latini Pfeil

Cello Latini Pfeil

Em *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*, uma das primeiras pontuações de Bento (2015) acerca da constituição das masculinidades é a variabilidade cultural e a impossibilidade de universalização. Tal como o conceito de gênero pode existir de formas totalmente avessas em culturas distintas, ou até mesmo não existir, nossa sociedade guarda não só uma, como diversas formas de masculinidade. A variabilidade de constituições perpassa inúmeras esferas e de modos plurais, da relação familiar até imaginários sociais bem consolidados. Sobrepondo essa diversidade, observamos a hegemonização de determinada masculinidade e sua dominação perante outras masculinidades e feminilidades. Para Bento (2015, p. 87), a masculinidade hegemônica caracteriza-se por sua “capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade”, denotando seu enraizamento profundo nos campos da política, do mercado, dos esportes, das práticas sexuais:

Uma definição de masculinidade permanece como o referencial de acordo com a qual outras formas de masculinidade são julgadas e avaliadas. Dentro da cultura dominante, a masculinidade que define o homem branco, de classe média, de meia-idade, heterossexual, é a masculinidade que estabelece os padrões para os outros homens pelos quais são julgados e, na maioria das vezes, considerados incompletos. (BENTO, 2015, p. 89)

Em nossa cultura ocidentalizada, a masculinidade hegemônica se reflete na subordinação de tudo o que é considerado feminino, na inacessibilidade, a determinados espaços, de pessoas que não se encaixem no modelo estético e comportamental do corpo dominador, na alocação da violência como o mais válido instrumento de socialização. Bento (2015) compreende a masculinidade hegemônica como um conjunto de discursos e práticas que delineiam o comportamento ideal para o corpo masculino normativo. Como esta ideologia atravessa e é construída a partir de nosso imaginário coletivo, de



estereótipos de gênero, não só homens que representam este corpo universalizado internalizam os ditames da masculinidade hegemônica, como diversos segmentos sociais os atribuem para si, reproduzindo-os em seu comportamento e reforçando-os em outras pessoas. Percebemos como pessoas transmasculinas – e todas as pessoas inseridas em nossa matriz cultural – podem reproduzir veementemente opressões patriarcais, o que aponta para a necessidade de diálogos sobre os lugares que ocupamos e as violências que evocamos e sofremos.

Esta masculinidade se mostra, para Bento (2015, p. 98), como “um projeto sempre inacabado, que está sempre sendo colocado à prova para ser avaliado por outros homens”, de forma que estes precisem da validação de seus ‘iguais’ para permanecerem dentro do grupo dos ‘homens de verdade’. Colocando-se à prova constantemente, é possível reiterar seu lugar de força, virilidade, distante dos estereótipos da feminilidade. A masculinidade opera como uma validação social instável e retroativa, evocando o medo como a emoção que a alimenta (BENTO, 2015): medo de ser “confundido com uma mulher”, de ser inferiorizado ao mesmo lugar da feminilidade. Com isso, a autora nos traz a homofobia como força motriz da definição da masculinidade. Também podemos pensar na LGBTIfobia como um todo, considerando a diversidade de corporalidades e performances que destoam da norma. A LGBTIfobia, para Bento (2015),

é mais do que o medo irracional de *gays* [pessoas LGBTI], mais do que o medo de ser considerado *gay* [pessoa LGBTI]. A homofobia [LGBTIfobia] é o medo de que outros homens desmascarem, emasculem, revelem aos próprios homens como ao mundo, que aqueles que se dizem homens não são dignos, não são homens de verdade. Medo de deixar outros homens verem este medo. O medo provoca também uma sensação de vergonha, pois o reconhecimento do medo é uma prova para os próprios homens de que não são tão másculos quanto simulam ser. (BENTO, 2015, p. 99)

Há, portanto, um movimento de fuga por tudo o que ameaça desvelar a fragilidade da masculinidade hegemônica, movimento este motivado pelo medo e fomentado pela violência.

Percebemos o impacto dessa brutalidade nos estudos de Baére & Zanello (2018) sobre a generificação do suicídio, tanto nas estatísticas comparativas da Organização Mundial da Saúde (2014) como na atribuição de psicodiagnósticos diferentes para

homens e mulheres. Segundo dados da OMS (2014), estima-se que 800.000 suicídios ocorreram ao redor do mundo em 2012, nos dando uma escala de 11.4 suicídios por 100.000 de população, oriunda da estatística de 15.0 suicídios para homens e 8.0 para mulheres. Em países mais ricos, segundo este estudo, homens se suicidam três vezes mais do que mulheres; em países subdesenvolvidos, essa escala diminui para 1.5 de homens para cada mulher. Apesar da diminuição, o índice continua consideravelmente elevado.

Para Baére & Zanello (2018), a produção da masculinidade hegemônica ocidental fundamenta-se na virilidade sexual e laborativa, requisitando provas de força, competitividade, produtividade e sexualidade para sua validação social, como Bento (2015) também demonstra. Se o imaginário social de ‘homem’ sustenta-se em comportamentos agressivos e na negação de tudo o que remete aos estereótipos de femilidade, então expressar emoções de forma verbal e procurar ajuda em momentos de necessidade são consideradas atitudes femininas e, portanto, são negligenciadas socialmente no escopo da masculinidade (BAÉRE & ZANELLO, 2018). Não podemos dissociar os estudos suicidológicos dos estudos de gênero, considerando o poder da imposição da masculinidade hegemônica ocidental na forma como pessoas no espectro da masculinidade e atravessadas pela masculinidade tóxica, de acordo com os estereótipos de hombridade e masculinidade, reagem ao sofrimento psíquico.

Como apontam Baére & Zanello (2018), não costumam constar, nos registros gerais de óbito, informações como orientação sexual nem identidade de gênero, nos trazendo dois fatores fundamentais na leitura destes relatórios estatísticos: 1) o acesso a questionários e serviços de saúde que realizem mapeamentos acerca do suicídio e 2) a universalização da cisgeneridade, de forma que a categoria ‘homem’, embora se estenda a princípio a todo o espectro de masculinidades, se restrinja implicitamente às cismasculinidades, seguindo por todo o modelo normativo. Encontramos, então, grande dificuldade em mapear óbitos por suicídio de pessoas transmasculinas, pois, como nos diz Bento (2015), estas são as grandes esquecidas por políticas públicas. Compreendemos que os estudos de Bento (2015) e de Baére & Zanello (2018), apesar de apresentarem questões bastante abrangentes, ou se limitam somente a dados relativos a pessoas cisgêneras, ou apresentam uma validade científica que se apóia sobre a universalização da cisgeneridade, limitação reconhecida pelas próprias autoras.



Se as imposições de gênero cisheteronormativas dissecam o tecido social com tanta profundidade, a forma como diagnósticos e tratamentos são definidos e aplicados também deve ser concebida pelo filtro da análise de estruturas de opressão patriarcais. Baére & Zanello (2018) percebem discrepâncias entre mulheres e homens cis na epidemiologia de transtornos mentais; discrepâncias estas que reiteram estereótipos de gênero. As reações ao sofrimento não são as únicas passíveis de generificação: os psicodiagnósticos também são.

O termo “paradoxo de gênero do comportamento suicida” (CANETTO & SAKINOFSKY, 1998 apud BAÉRE & ZANELLO, 2018) se refere ao alto índice de óbitos de homens cis por suicídio em comparação à frequência elevada de tentativas de mulheres cis. A explicação para estes dados reconhece a socialização à qual homens e mulheres cis são submetidos no decorrer de suas vidas. Enquanto os primeiros são instruídos socialmente a não procurar ajuda, a serem capazes de resolver seus problemas por conta própria, a agirem de forma impulsiva e violenta, a reprimirem suas emoções, as segundas não recebem tantas restrições no quesito emocional, têm menos limites na busca por auxílio e são reprimidas em sua agressividade. Assim, homens cis procurariam menos ajuda psicológica e se utilizariam de métodos mais letais e violentos para se suicidar, enquanto mulheres cis teriam menos dificuldades em procurar ajuda e buscariam métodos menos violentos e, portanto, menos letais para consumir o suicídio. Tudo é generificado: desde pensamentos suicidas até o planejamento e a tentativa, da consulta psicológica até a emergência de um hospital. Por exemplo, embora quase metade das mortes por suicídio no Brasil seja por enforcamento em ambos os grupos, há a prevalência de envenenamento intencional (menos letal) em mulheres cis e de armas de fogo (mais letal) em homens cis (BAÉRE & ZANELLO, 2018). No estudo apontado, a frequência de óbitos por suicídio em homens negros cis é consideravelmente maior do que em homens brancos cis: 56% em 2015 e 50% em 2016 de óbitos por suicídio de homens negros, em comparação a 33% em 2015 e 43% em 2016 de homens brancos.

O que compreendemos por este estudo é que as diferenças de socialização entre homens e mulheres cis e entre pessoas brancas e negras, como disposto no relatório, influem fortemente em todo o processo de tentativa ou consumação do suicídio. Os estudos supracitados mostram que homens cis, principalmente os homens cis negros, alcançam um número superior de óbitos. Ainda que estejamos falando aqui de masculinidades, será que podemos atribuir este estudo às transmasculinidades? A

omissão de dados sobre identidade de gênero dos laudos médicos de óbito e dos registros oficiais com relação ao suicídio, a universalização da cisgeneridade e a inacessibilidade de pessoas transmasculinas a serviços de saúde e instrumentos que produzam as estatísticas anteriormente dispostas nos mostram que não, não podemos atribuir os estudos sobre masculinidades – feitos por pessoas cis – às transmasculinidades, por mais redundante que isso soe.

Para pensar o suicídio no escopo das transmasculinidades, recorreremos a dois estudos: o relatório “Homens transexuais: invisibilidade social e saúde mental”, realizado em 2018, e o “Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans”, de 2015. O primeiro consiste em uma pesquisa realizada com um total de 242 pessoas transmasculinas de todas as regiões do Brasil, no modelo de um questionário virtual, que abarcou religiosidade, escolaridade, localidade, relação familiar, saúde mental, etc. (BEZERRA ET AL., 2018). As respostas percorreram pessoas de 14 até mais de 65 anos, com maior concentração no grupo mais jovem. Segundo o estudo, 94,5% das pessoas transmasculinas se sentiram deprimidas em algum momento da vida, em oposição a cerca de 20% da população mundial (WHO, 2014). Dentre as pessoas transmasculinas que experienciaram depressão, 66,4% apresentaram ideação suicida. Com relação ao suicídio, 41,5% tentaram pelo menos uma vez, e 21,4% tentaram mais de cinco vezes, contrariando a estimativa do Centro de Valorização da Vida de 3% da população em geral (BEZERRA ET AL., 2018). Em resumo, os índices de ideações suicidas e tentativas de suicídio em pessoas transmasculinas são consideravelmente mais elevados do que os índices concernentes à população em geral. Se não há marcadores de identidade de gênero nos registros de óbito da população em geral, então essa população à qual a maioria dos estudos sobre suicídio se refere é considerada cisgênera.

De acordo com o primeiro questionário que abordamos, quase dois terços das respostas pertenciam a pessoas autodeclaradas brancas (58%), enquanto as restantes pertenciam a pessoas autodeclaradas pardas (25,2%), pretas (9,7%) e de outra denominação (2,1%). No tocante à localidade, mais da metade das respostas pertenciam à região Sudeste, sucedida por Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Norte. O estado do Rio de Janeiro foi o mais numeroso no questionário, com 19%, seguido por Minas Gerais (7%), Pernambuco (5%), Bahia (5%), Rio Grande do Sul (4%).

O segundo projeto (NUH/DAA – UFMG, 2015), por sua vez, nos traz um estudo estatístico sobre o perfil de pessoas transmasculinas com relação a mercado de trabalho, sóciodemografia, escolaridade, segurança pública, entre outros vetores. O estudo foi feito a partir de um questionário disponibilizado de forma online em grupos de facebook de pessoas transmasculinas. Das 51 respostas obtidas pelo projeto, somente 28 correspondiam aos critérios estabelecidos pelo estudo: ser uma pessoa transmasculina, residir nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, São Paulo e Campinas e concordar em preencher o questionário. Dos 28 participantes, 16 (57,14%) se declararam brancos, 06 (21,43%) se declararam pardos, 04 (14,29%) se declararam pretos, 01 (3,57%) como amarelo e 01 (3,57%) não soube dizer. A faixa de idade variava de 18 a 32 anos, com maioria mais jovem.

Com relação à depressão, 20 (71,45%) dos 28 participantes selecionados relataram ter ou já ter tido depressão em algum momento da vida. Sobre ideação suicida, 08 (28,6%) responderam que pensavam ocasionalmente em suicídio; 07 (25%) responderam que já haviam tentado; 07 (25%), que já pensaram, porém não mais; 02 (7,1%), que já pensaram e ainda pensam; 03 (10,7%), que nunca pensaram em suicídio; e 01 (3,6%) preferiu não responder. Em resumo, 24 (85,7%) dos 28 participantes já pensaram em ou tentaram cometer suicídio.

Em ambos os estudos, a predominância de respostas é de pessoas brancas e oriundas do Sudeste, trazendo à tona algumas questões que nos indicam como os índices de suicídio possuem chance de serem mais elevados – por exemplo, se homens cis negros apresentam índices de suicídio mais elevados do que homens cis brancos, pressupomos que esse padrão se reflita nos índices das transmasculinidades. Além dos problemas de sub-registro e de subnotificação dos suicídios, há também indefinição no que diz respeito aos métodos utilizados para consumá-los, o que gera grandes dificuldades na elaboração de estratégias preventivas (BOTEGA, 2014). Há, também, o problema do encobrimento dos suicídios por outras causas de morte, como afogamento e acidentes automobilísticos acidentais. Segundo Pritchard & Hean (2008, apud BOTEGA, 2014), o número de causas de morte categorizadas como ‘suicídio’ é inferior ao de ‘morte de causa indeterminada’. Além disso, embora não haja registros suficientemente abrangentes a nível nacional, limitando-se a estudos realizados em municípios, Botega (2014) nos apresenta a estimativa de que as tentativas de suicídio sejam cerca de dez vezes mais frequentes do que os suicídios consumados.



A subnotificação também está presente nos mapeamentos de violência, de crimes de ódio. Quando pensamos em homicídios e violências cometidas contra pessoas transmasculinas, não devemos considerar só a subnotificação, como também a deslegitimação de nossas identidades e a categorização de nossa morte como motivada por LGBfobia. Ou seja, as violências não nos são direcionadas por nos lerem como pessoas transmasculinas, e sim por nos lerem como mulheres cis lésbicas, ou como homens cis gays, ou dissidentes de gênero de alguma forma, mas nunca como *transmasculinos*. E essa leitura se reflete nos registros das violências, seja em registros de óbito ou em notícias de jornais, de modo que haja profunda dificuldade em mapear quais violências se direcionam aos nossos corpos e com qual frequência. Se o suicídio de corpos trans é uma violência por si só, seu registro segue a mesma linha das violências externas que nos são direcionadas. Corpos que não podem ser localizados, pois não existem epistemologicamente.

Nossa localização no que chamamos ‘patriarcado’ é extremamente inconstante: o patriarcado, como uma estrutura permeada por LGBTIfobia, racismo, capacitismo, gordofobia, machismo, classismo, coloca as transmasculinidades em lugares de deslocamento. Ao mesmo tempo em que podemos ser vistos como agressores, somos constantemente agredidos; ao mesmo tempo em que podemos ser vistos como potenciais estupradores, nossos corpos são estuprados de forma culturalmente “corretiva”. Por um lado, pessoas transmasculinas são tidas como “aspirantes a privilégios machistas” (NERY & MARANHÃO Fº, 2017), se levarmos em consideração os estereótipos de transmasculinidade e a universalização de hombridade – universalização esta que corrobora com os elevados índices de suicídio de homens cis, e que supomos ser um dos fatores que alimenta os índices de tentativa e consumação de suicídio de pessoas transmasculinas.

Essa visão nos colocaria no mesmo lugar que os homens cis, ou melhor, no mesmo lugar de corpos masculinos normativos. Nesses termos, nossa pluralidade não é reconhecida, muito menos nossa constituição subjetiva, o que nos leva à segunda perspectiva: nossas masculinidades não são legitimadas e sofremos a opressão patriarcal diretamente. Continuaremos sendo “lidos como estupráveis” e seguiremos sendo “marcados pela tutela e controle que caracterizam a relação da sociedade com os corpos das mulheres” (NERY & MARANHÃO Fº, 2017, p. 281), influenciando em nossos processos de identificação, em nossa vida social e saúde mental. Pensar a categorização



do suicídio de pessoas transmasculinas perpassa o campo da subnotificação, do sub-registro, dos suicídios ‘escondidos’ e da deslegitimação de nossa identidade, dificultando ao extremo a elaboração de documentos oficiais sobre o suicídio, e sobre violências em geral, na comunidade transmasculina.

Ressaltamos ainda mais a comum ausência de pessoas trans e a presença de pessoas cis como coordenadoras e/ou pesquisadoras nas equipes destes estudos, distanciando-nos dos dispositivos de saúde pela possibilidade quase certa de que ocorram violências transfóbicas. Portanto, devemos compreender como os mecanismos opressivos no escopo do racismo, do patriarcalismo, da transfobia afetam subjetividades transmasculinas. A não contemplação desses estudos para com transmasculinidades diversas aponta para uma ausência muito mais robusta, que é a do reconhecimento de corpos transmasculinos nos espaços. Por nos verem como alternativas ao que não somos, os acessos que necessitamos são mais do que negados; não são pensados. Um corpo que não é visto em si e que é visto como um corpo-outro não passa por um processo de reconhecimento, no que diz respeito à identidade de gênero. É assim que demarcamos o que as transmasculinidades, em toda a sua diversidade e todos os seus marcadores sociais, possuem em comum: o almejo pela demarcação de um lugar social e a dificuldade de se encontrar ferramentas que a possibilitem.

A questão que procuramos ressaltar aqui é que: corpos irreconhecíveis não deixam de ser aniquiláveis; o aniquilamento já está contido em sua inexistência social. Nos preocupamos especificamente com a questão do suicídio, pois – apesar da subnotificação em mapeamentos da violência – nós conhecemos o aniquilamento externo, as violências cometidas contra nós que vêm de fora; são violências visíveis, apontáveis. Mas o aniquilamento que se instaura no interior de quem somos é algo que somente pode ser compreendido se tivermos, de antemão, noção de sua amplitude. Portanto, pontuamos a discrepância entre os estudos gerais sobre masculinidades e os estudos direcionados às transmasculinidades no campo da suicidologia, evidenciando a urgente necessidade de aprofundamento nas dinâmicas opressivas que perpassam as constituições subjetivas diversas de pessoas transmasculinas.

Como um corpo consegue permanecer vivo em uma sociedade que simplesmente não o reconhece enquanto corpo, ou que o reconhece como um corpo que não lhe diz respeito? Como sustentar não somente o apagamento da identidade



transmasculina, como também as violências que carregam leituras equivocadas sobre quem somos? Esses questionamentos são fundamentais para que possamos compreender a importância de haver mapeamentos específicos sobre violências epistêmicas direcionadas às transmasculinidades, que podem culminar em altos índices de suicídio dentro de nossa comunidade.

Referências

BENTO, Berenice. *Homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas*. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2015.

BEZERRA, Daniel Sarmiento; BEZERRA, Ana Karla; SOUZA, Roberto Cezar Maia de; NOGUEIRA, Waléria Bastos de Andrade Gomes; BONZI, André Ricardo Bezerra; COSTA, Lidiana Medeiros Mendes da. *HOMENS TRANSEXUAIS: INVISIBILIDADE SOCIAL E SAÚDE MENTAL*. *Temas em Saúde*, João Pessoa, v. 18, n. 1, 2018.

BOTEGA, Neury José. *Comportamento suicida: epidemiologia*. *Psicologia USP*, Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014.

NERY, João Walter; MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de. *Deslocamentos subjetivos das transmasculinidades brasileiras contemporâneas*. *Periódicus*, Salvador, v. 1, n.7, maio-out, 2017 p. 280-299.

Organização Mundial da Saúde. *Prevenção do suicídio: um recurso para conselheiros*. 2006. Disponível em: <https://www.who.int/mental_health/media/counsellors_portuguese.pdf>. Acesso em: 22 de agosto de 2020.

Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH – UFMG), Departamento de Antropologia e Arqueologia (DAA – UFMG), 2015.



World Health Organization. Preventing suicide, a global imperative. 2014. Available in: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/131056/9789241564779_eng.pdf;jsessionid=9D7EA1304734987A67A171B3B23D5331?sequence=1>.

Arte de Danilo Pietro Craveiro

“Nossos corpos não são prisões,
São libertações transcendentas”

A representação do homem trans/pessoa transmasculine e a normalização de tetas/peitos



Descrição de imagem: desenho com o fundo branco preenchido por linhas transversais. No centro, há uma pessoa sem roupa, com os seios à mostra, sentada, olhando para frente. Seu cabelo é curto, rente à cabeça. Enrolada em seu braço esquerdo e nas pernas, está uma faixa com as cores da bandeira trans: azul, rosa e branco.

Deus é uma travesti

Em memória de Marsha Johnson

Tela acrílica em papel 15x15

Danillo Pietro Craveiro



Descrição de imagem: pintura com o fundo revestido por cinco faixas, das cores: azul, rosa, branco, rosa e azul, de cima para baixo. Na frente, está a figura de Marsha Johnson, uma mulher negra sorrindo, olhando para a esquerda. Seu cabelo é preto e crespo, e está coberto por diversas flores vermelhas, uma flor amarela no canto esquerdo e uma flor azul na altura da orelha esquerda. Seus lábios estão com batom vermelho.

Menino de Ouro

40 x 40cm, óleo sobre tela

Shai Lamas



Descrição de imagem: imagem, em tons azuis e rosa claros, de uma pessoa de short, sem camisa, à beira de uma piscina. O corpo da pessoa está preenchido por tons vermelhos e amarelos, e o fundo da imagem está azulado, na região da piscina, e rosado, na região superior, que seria o chão.



Fotografia de Shai Lamas

Exposição Proteja Seus Amigos

Galeria QuartoAmado, Belo Horizonte, MG, 2019



Descrição de imagem: fotografia de Shai Lamas, uma pessoa branca, magra, de cabelos raspados e vestindo uma camisa roxa, olhando para a câmera, de costas para uma parede com desenhos pendurados.

Olha bem as montanhas

20 x 30cm, acrílica sobre tela 2019

Shai Lamas



Descrição de imagem: pintura de uma sala, com paredes vermelhas e cortinas rosas ao fundo, e uma cômoda marrom com um abajur amarelo e uma caneca branca por cima. Na frente da parede, há uma cama azul, onde está deitada, de costas para a tela, uma pessoa de pele branca, um pouco rosada, de cabelos marrons e longos, com a mão esquerda sustentando a cabeça.



Efeito Colateral

20 x 30cm, acrílica sobre tela 2018

Shai Lamas



Descrição de imagem: imagem com fundo azulado, mostrando uma pessoa de pele negra retinta, deitada de costas sobre uma cama com colorações vermelhas, rosas, azuis e amarelas.

Fotografia de Shai Lamas

Exposição Memórias do Corpo Coletiva com Jade Marra e Lume Ero

Galeria Godarc, Belo Horizonte, MG 2018

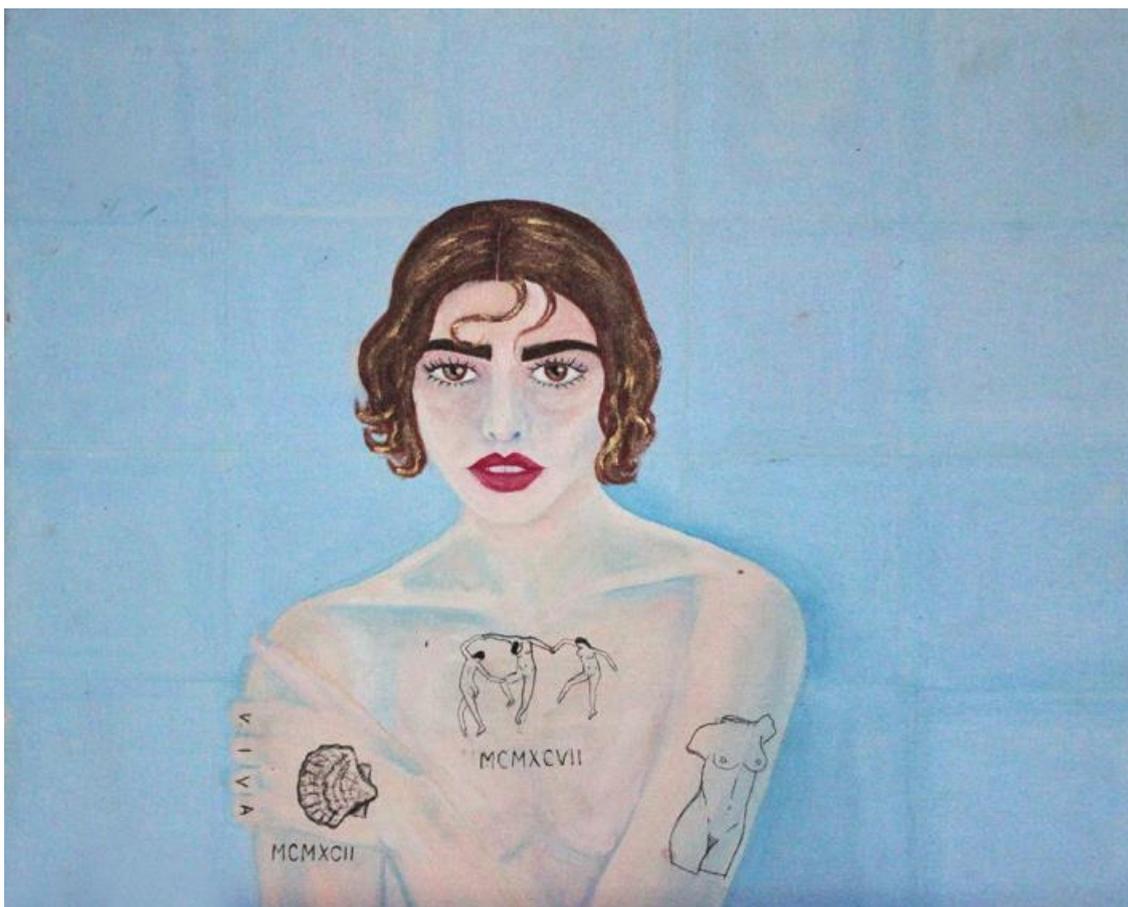


Descrição de imagem: fotografia de Shai Lamas, uma pessoa branca e magra, de cabelos loiros, curtos e trançados, vestindo uma camisa azul clara de manga curta, em frente a uma parede, onde há algumas artes suas expostas.

Autorretrato

50 x 40cm, acrílica e ouro em pó sobre tela, 2018

Shai Lamas



Descrição de imagem: pintura com fundo azul claro, sobre o qual há uma pessoa de pele clara, cabelos marrons na altura das orelhas, olhando para frente, retratada do rosto até o umbigo. A pessoa possui lábios vermelhos e sobrancelhas marcantes, além de três tatuagens: uma tatuagem de um corpo nu no braço esquerdo, outra tatuagem de pessoas dançando no peito e outra de uma forma geométrica na mão esquerda, que está apertando seu próprio ombro direito.



O conto do cotidiano

JoMaKA

Naquela tarde depois de um longo cochilo, quase já entrando a noite, despertei e tinha aquele violão encostado na parede, tanto tempo ele ali. Talvez aquela fosse outra primeira vez que saía da capa.

– Queria te contar uma coisa que eu ouvi, não sei se é verdade, mas eu ouvi! Você quer saber?

– Oi! Achei que você já tinha sumido.

– Não. Para isso você vai precisar dizer, né. Encarar-se de frente.

– Eu sei lá o que é encarar-se. Diga logo o que você ouviu!

– Acho que desisti, vai te preocupar em vão.

– Em vão ou não deixe que eu decida.

– Você me confunde, quer decidir mas não quer encarar-se.

– Eu posso encarar-se. Antes me diga o que é isso e também o que você ouviu.

– Encarar-me, pois. É que eu ouvi que seu CPF está registrado em mais de um nome. É verdade?

– Ora, óbvio. Não acha? Problema é ter que sair retificando em tudo quanto é lugar que eu já passei. Com certeza em algum deles vai passar despercebido, e pronto. Lá está um outro eu de outro lugar e de outro nome.



– É tão difícil isso de conseguir ser chamado pelo nome. Qual você quer?

– Ah, só me faltava! Pelo amor de Deyse! Agora terei que te lembrar nome e pronome, pra afirmar e reafirmar e afirmar de novo o nome que eu já firmei até na firma do cartório? Já não bastava não ter no cartório o Intersexo?

– Calma, moça.

– É ele. Sou ele.

Proposta Entre Zero e Um

Arthur Caldeira

(Texto extraído, com algumas modificações, cortes, atualizações e acréscimos, do projeto aprovado pelo edital para a Residência Artística Zero - segunda edição promovida pelo Espaço de Arte Corredor 14 em Pelotas - RS, contemplada pela Lei Aldir Blanc, e obras realizadas antes e durante a referida residência, entre 8 de fevereiro e 2 de abril de 2021, de autoria de Arthur Caldeira).

Sintetizado no código binário está o conceito que desenvolvo em meus trabalhos enquanto artista visual. Para explicar esse conceito, antes de nomeá-lo, trago uma breve observação sobre a binaridade. Os sistemas binários não se limitam à linguagem dos computadores, mas se estendem desde as formas primárias de comunicação remota, como sinais de fumaça, sinais de luz, código Morse, sendo formas de propagar informações sob uma lógica de leitura por tempo e ausências/presenças de algo, sejam elas de luz, de sons e silêncios, de voltagens elétricas, que agrupados podem ser decodificados em outras linguagens, como a escrita convencional. O binário, portanto, é o agrupamento em opostos. Ausência, presença; sim, não; 0, 1.

À parte dos códigos de comunicação, direciono meu olhar a outros agrupamentos que, talvez, sejam os refletores do impulso de binarizar os códigos. Socialmente, a partir da cultura católica apostólica romana imposta a nós por uma colonização predominantemente européia ocidental trazida na invasão da América, a repartição de aspectos gerais da vida em grupos binários pode ser claramente observada, porém dificilmente percebida no cotidiano, dada a facilidade em se acostumar com essa lógica ao ponto de não perceber regendo nossa forma de pensar e ver as coisas, uma vez que nos faz acreditar que ela é única, real e imutável. Ora, se a Natureza nos dá opostos o tempo todo, dia e noite, vida e morte, fartura e escassez, como não aceitar as classificações humanas de forma binária também? Homem e mulher, sucesso e fracasso, certo e errado, bom e mau, começo e fim. É fácil de assimilar, é confortável de aceitar, e ao passo que tudo isso é uma grande farsa, é patológico, doentio e gera sofrimento. A Natureza nos dá as auroras e os crepúsculos, nos dá prenúncios entre vida e morte, nos dá os semitons, cinzas coloridos, novas chances, nos dá intermináveis ciclos. Nela, “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, como dito pelo químico Antoine



Laurent Lavoisier (1743-1794). Essa projeção binária a todas as coisas ignora os estados “entre”, as transições, os meios, algo entre isso e aquilo, que pode conter partes disso e daquilo ao mesmo tempo e assim ser uma terceira coisa, ou então uma quarta, quinta, sexta... ou infinita coisa entre dois pólos.

Mesmo o código binário do computador é identificado pelo que é chamado de porta lógica que não assimila ausência ou presença total de energia elétrica, mas decodifica uma amplitude dada entre 0 e 5 volts, em que toda frequência de 2,5 para 0 volts têm-se 0, e de 2,5 para 5 volts têm-se 1. Nem o código binário é, de fato, binário.

Cito especificamente a origem cultural vinda na invasão colonial para referenciar uma de suas heranças, a forma como em nossa maioria somos compelidos enquanto seres no mundo a tomar o capitalismo e todas as suas crenças circundantes e concepções como princípio e regências invariáveis e imutáveis das nossas vidas, são exemplos: o gênero, o padrão de beleza, o ideal de sucesso, os contratos sociais, as metas e propósitos de vida, a monogamia, a religião. Mesmo antes do capitalismo que conhecemos, as ordens binárias imperavam calcadas no Bem e Mal religioso, a radicalização dos extremos. Céu ou Inferno. Sem escapatória, tudo era condenável ao céu ou ao inferno. E esse modo extremo dual de operar rende riquezas e poder aos que o exploram, prendendo-nos a nunca estarmos satisfeitos e sempre consumindo, a não sentirmos pertencimento por nunca corresponder ao “ideal”, a nunca estarmos no Um e tampouco no Zero, fazendo-nos crer que deveríamos estar, e a não aceitar como natural o fato de estarmos nesses estados intermediários, *entre*, de forma a nos fazer buscar atingir o intangível.

Assim, com essa forma de crer que as coisas funcionam imposta a nós, estabeleceu-se uma visão binária que se tornou estrutural, passada de geração em geração sem que se percebesse, sendo instalada nos olhos da humanidade como a única forma de lidar com a vida, negando o *entre* de forma patológica e negando assim a nossa própria naturalidade enquanto seres transitórios, num mundo regido por leis naturais cíclicas e transitórias, o que causa imposições sociais e cria obrigações de comportamentos e decisões que nos aprisionam e geram sofrimento.

Não dizendo que outras sociedades não tenham sistemas de divisão binários, mas trago um ponto a se averiguar: aos que mais observavam, estudavam, reverenciavam e honravam os ciclos naturais do planeta e a natureza enquanto naturalidade refletida na



humanidade, negavam eles as multiplicidades? Repartiam tudo tão estritamente em extremidades excludentes? Consigo nomear exemplos nas sociedades originárias norte-americanas, graças às documentações feitas por Duane Brayboy a partir de relatos orais que obtive com os povos Lakota, Ottawa, Hopi e Navajo, em que eram reconhecidos de três a cinco gêneros, que os europeus imediatamente frisaram extinguir, atribuindo-lhes os seus papéis binários de gênero forçosamente e opressivamente. Os descendentes dos povos originários, posteriormente, escolheram ser nomeados como “Two Spirit”, para separar-se da sigla LGBT+ em ordem de não serem relacionados à sua sexualidade, mas sim à sua espiritualidade enquanto pessoas de “dois espíritos”, conforme se denominavam, considerando-os presentes do Criador e participantes importantes e respeitados em seus grupos sociais por serem dotados da habilidade de enxergar o mundo de formas plurais. Outro exemplo parecido são os Mähü no Havaí, termo que significa “o que há entre”, que é o terceiro gênero reconhecido por eles e que personificam ambos käne (homem) e wahine (mulher), tendo sido também alvo dos missionários no século de 1800, que buscaram extingui-los.

Ao passo que direciono o tema ao gênero, aproveito para me colocar pessoalmente. Enquanto pessoa transgênero, isto é, em não conformidade com o gênero que foi atribuído a mim (à minha vulva) quando nasci, eu sinto uma ressonância com as percepções que escapam ao binário estrito, mas não de forma a negar os pólos. Não nego que haja o masculino e o feminino, não nego o bem e o mal, a vida e a morte, porém acrescento-lhes de seus intermédios e trago enquanto luta no âmbito social a naturalização de tudo que existe *entre* os pólos binários, sejam eles quais forem.

A partir das repartições binárias surgem os tipos de papéis a se cumprir. Enquanto pauta desse momento da minha vida existe o *entre* o masculino e o feminino, enquanto meu corpo no mundo, meu estado transitório. A exemplo, no âmbito do gênero, dada sua binaridade enquanto homem ou mulher, têm-se o papel do homem e a caracterização da masculinidade, assim como o papel da mulher e a caracterização da feminilidade e ambas essas coisas foram atreladas fundamentalmente ao corpo humano, precisamente aos órgãos sexuais externos. Explicando melhor, atribui-se homem a quem nasce com a presença de um pênis externamente e mulher a quem nasce externamente com vulva e, a partir disso, atribuem-se seus papéis sociais, direitos e deveres, regras e concessões, padrões de imagem e comportamento.

Esse é o momento de colocar um enorme “PORÉM” no discurso. A natureza não se revela de forma tão restrita, como já exemplificado na forma que os povos originários, cujas visões eram voltadas às expressões naturais, atribuíam os seus papéis de acordo com identificação pessoal e expressão genuína, independente do corpo que se tem. Além do mais, é com equívoco que se atribui o gênero unicamente calcado no fator

órgãos externos, deixando de considerar inclusive os fatores biológicos: cromossômicos, hormonais, expressão hormonal e órgãos internos além do fator da identificação e expressão pessoal, calcados no sensível.



Boys Don't Cry, óleo sobre madeira, 13.5" x 10.5", 2020. Artista:
Alessandro Tomassetti.

Descrição de imagem: pintura em formato oval de um homem branco olhando para frente, passando batom rosa nos lábios. Ele possui cabelos marrons e encaracolados, na altura do pescoço, e veste uma camisa azul de botão que está aberta.

Trazendo isso, procuro movimentar um olhar a essas questões, além delas estarem cada vez mais presentes nos meus dias, mas também por conseguir identificar o mesmo em inúmeras histórias de vida de pessoas que relatam sofrimentos, dificuldades e enormes obstáculos para conseguirem ser e expressar suas existências em seus naturais estados “entre”. Em histórias de lutas contra masculinidade tóxica, contra a misoginia, contra o racismo e o colorismo, e lutas contra a transfobia, que nega,

desvalida, deslegitima, exclui e até mata os que possuem identidades e expressões de gênero que não condizem aos dois gêneros atribuídos aos seus órgãos sexuais externos, homem ou mulher.

Não é critério saber como ou por quem de fato essas normas foram estabelecidas, basta que comecemos a identificá-las. Observar certos comportamentos que são julgados por exceder uma norma para assim poder identificar essa norma e também lembrar-se de coisas que pessoalmente vivemos e de como as sofremos. Homens de cabelo comprido, mulheres de cabelo curto. Homens que usam saia, mulheres que usam ternos. Homens que usam maquiagem, mulheres que não usam... e a partir disso estender a toda e qualquer determinação que diferencie homem de mulher para atribuições que vão além do gênero e assim obter um espectro infinito de “entres” para que sejam naturalizados. Esse é o meu objetivo. E, finalmente, para nomeá-lo, escolho o termo “Entre”, enquanto o infinito que cabe “entre zero e um”.

Ao passo que as noções dos diversos tipos de classificação em binários são difundidas de forma tão severa, como uma ideologia consolidada, instaurada em nossa sociedade, a dificuldade em compreender os temas que se abrem a partir dos questionamentos que proponho fazer em meus trabalhos se deve, creio eu, ao fator da ignorância. Ignora-se, pois, não se sabe que essa binaridade é imposta dessa forma por isso não a enxergam; nem que se pode ser/estar e manifestar-se fora dela, tampouco que esse sentimento é recorrente em inúmeras situações da vida, mal se percebe que existem pequenos conflitos e aflições decorrentes disso.

Procuró fazer com que as pessoas tenham seu olhar direcionado aos “entres” em si mesmas, às coisas que têm abafado dentro de si, pois julgam que não se encaixam ou não estariam cumprindo o seu papel da forma “certa”, ou que seriam julgadas e condenadas por questionar padrões estabelecidos, por não corresponder às expectativas de diversas origens, enfim, à tudo que não corresponde aos sistemas duais restritos que são demandados a nós, seja relacionado a corpo, a beleza, a realizações e conquistas de vida, emprego, profissão, seja no âmbito familiar ou público, seja sobre vontades, desejos, ou até mesmo sobre tudo aquilo que pode-se enxergar como um dilema, como um caminho entre apenas duas coisas a seguir, como uma pílula azul e uma vermelha e que se estabelece como restrição de escolhas.

A iniciar por uma investigação do *entre* e de todas as suas manifestações possíveis, convido o público a participar dessa autoanálise de forma introspectiva para que tragam como colaboração quais são os seus *entres* pessoais, quais as experiências, vivências, anseios e dúvidas já tiveram ao se questionar sobre algo dual até mesmo sem



terem percebido no momento que se tratava disso, mas pedindo para que olhem novamente para suas vidas e pensem: o que já deixei de fazer, falar, vestir, como já deixei de me comportar mesmo querendo ou a que fui forçado a corresponder que eu não entendia ou concordava a fim de me enquadrar em alguma norma social, sendo repreendido ao questioná-la ou desafiá-la, ou temendo pelas consequências de não cumpri-la?

O motivo de querer incitar esse olhar a si mesmo é para que as pessoas possam exercitar o reconhecimento disso em si para que, por consequência, possam criar empatia pelos *entres* dos outros, permitindo-se reconhecer e aceitar os plurais modos de ser/estar e manifestar-se no mundo das outras pessoas também, para que gere facilidade em acostumar a ver as manifestações desses *entres* no mundo, pois, com entendimento, diminui o preconceito fruto da ignorância a fim de gradativamente permitir uma naturalização cada vez maior das diversas pluralidades e não-binaridades do ser humano sendo vistas e respeitadas na sociedade. Em outras palavras, para que se normalize nos olhares das pessoas toda e qualquer expressão individual, seja ela ligada aos pólos duais ou a qualquer ponto entre eles e para aceitar a naturalidade dos estados transitórios, intermediários, *entre*.

Realizei essa proposição durante a segunda edição da Residência Artística Zero promovida pelo espaço de arte e ateliê Corredor 14, situado em Pelotas - RS, de forma pública através de um formulário, sem limite de participantes e de caráter virtual, através de mídias sociais, visto o decorrente cenário de pandemia, enquanto meio de coleta desses relatos, podendo ser anônimos e em forma de textos escritos, imagens de qualquer formato, fotografias, vídeos, mensagens de voz, trabalhos de arte etc. Simultaneamente, realizei obras no campo da pintura e instalação voltadas à minha narrativa pessoal enquanto corpo transitório e transgênero, a fim de procurar soluções visuais à inquietações e considerações que movimentam meu pensamento a respeito do momento de transição de gênero pelo qual estou passando. Tais soluções busquei de forma tanto representativas quanto elucidativas, para tratar em cada uma delas questões que vivo no meu dia-a-dia, questões de sofrimentos que passei e passo e de quais são suas origens, de questionamentos pessoais que podem vir a ser identificados por outras pessoas ou a trazer um ponto de vista novo e desconhecido a quem possa não saber nada sobre o tema, para que eu contribua com os meus *entres* nesse movimento conjunto.

Quando não se sabe da existência de algo, não é possível compreender esse algo.

Pensemos juntos: se você não sabe que carros existem e está andando bem belo na rua e vê um carro, você não o compreende. Muitas coisas podem vir no seu pensamento e de imediato refletir numa expressão de espanto, de cair o queixo, você reage ao carro. Pergunta ao entorno “o que é isso?”, checa se as pessoas ao seu redor estão espantadas como você, ou se alguma delas é familiar com aquilo e pode te explicar. Logo, o carro vira um objeto de fascínio, de foco, mesmo que por um breve momento e você logo volte a andar na rua e fazer o que estava fazendo.

O exemplo é simples, porém minha intenção é usá-lo de parâmetro para comparar com algo mais complexo e que é de desconhecimento de muitos. Pessoas trans existem. Transexuais, transgênero, travestis. E essas pessoas estão em estados *entre* ou são personificações deles, transitórios, transmutáveis, transcendentais, da forma que forem.



Matrix, óleo sobre tela, 213,4 x 304,8 cm, 1999. Artista: Jenny Saville.

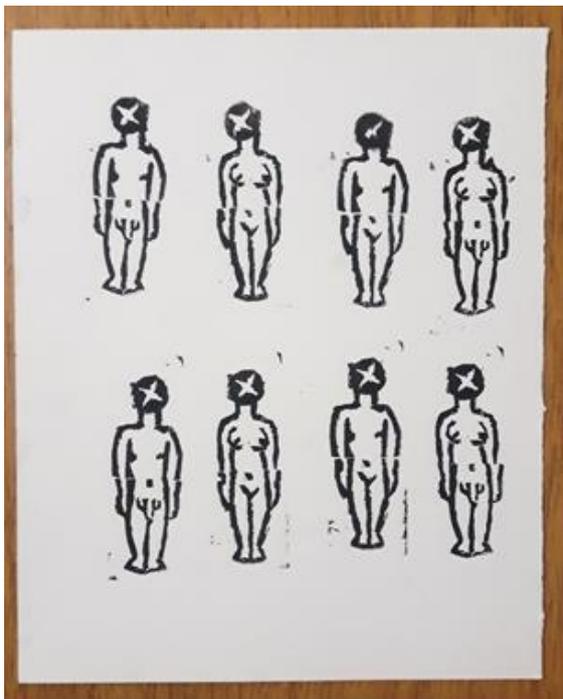
Descrição de imagem: pintura de uma pessoa branca transmasculina, de cabelos curtos, deitada e virada para cima, com as pernas abertas com a vulva e os seios à mostra.



Pensemos juntos um pouco mais: se você não sabe que pessoas trans existem e está andando bem bela na rua e vê uma pessoa que não corresponde ao que se exige da imagem masculina ou da imagem feminina e você não sabe como identificar essa pessoa que vê, você não a compreende. A problemática aqui envolvida, diferente do exemplo do carro e que confere toda a sua complexidade é: você sabe que pessoas existem, que masculino e feminino existe, que o conceito de homem e mulher existe, e está acostumado a ver aquilo que você foi feito a acreditar que corresponde a essas coisas. Muitas coisas podem vir no seu pensamento, podendo refletir alguma expressão de dúvida ou espanto ou reação à existência dessa pessoa, que vira o objeto do seu foco no momento e, mesmo que você só continue andando na rua e siga o que estava fazendo, você ainda não a compreende. Não dá para comparar uma pessoa com um objeto, apenas me refiro ao que pode acontecer ao se deparar com algo desconhecido. Tanto sua complexidade é maior que apenas ter visto ou até ter tido uma explicação sobre, não é o suficiente para compreendê-la, e muitas vezes a reação que pode vir disso é violenta, cruel, partindo de uma extrema negação daquilo que se vê, no desespero de ter as suas crenças abaladas por ter visto algo que escapa do que você acredita e aceita como verdade e isso pode ser sentido como uma grande ameaça, o que pode culminar em agressões, opressões, assassinatos.

Tento trazer dessa forma para começar a exemplificar esse meu pensamento a partir de uma provocação do campo da Arte que me levou a uma longa conversa com Cayque Alves em que chegamos ao assunto dos “entres” discutindo acerca de vincular um signo a um tema, quando atribuiu-se estritamente a vulva enquanto signo a ser utilizado como referente visual na discussão de assuntos de âmbito feminino e sobre o corpo da mulher, tomando como principal problemática associar o órgão genital (órgão sexual externo) ao gênero. Isto é reforçar a binaridade e também excluir a normalidade e naturalidade do corpo feminino sem vulva, com pênis, das mulheres transgênero que **optaram** por não as ter ou que ainda não tiveram condição de fazer cirurgia de redesignação **caso seja sua vontade**, e é também desclassificá-las enquanto mulheres e desapropriá-las do que é feminino. Com isso, não estamos falando de disputa de lugar no mundo da Arte ou disputa em qualquer âmbito, tampouco estamos falando que as experiências vividas historicamente e no presente se assemelham ou são iguais. Pelo contrário, é claro que cada identidade e cada corpo tiveram e têm seus respectivos sofrimentos. As mulheres cisgênero (que se identificam com o gênero feminino que lhes

fora atribuído por terem nascido com vulva) tiveram e têm seus históricos e cenários de opressão, assim como as mulheres transgênero em seus corpos trans também têm os seus. Em momento algum os estamos igualando ou contrabalanceando. O que não dever-se-ia fazer é generalizar a identidade feminina à vulva e tratar das questões femininas que dizem respeito às mulheres cisgênero como única faceta do feminino no discurso, desconsiderando que as mulheres trans estão dentro do conceito feminino, da mesma forma que é incluir equivocadamente os homens trans com vulva no assunto apenas pelo uso do signo da vulva, pois homens trans também podem **optar** por mantê-las e não operar para ter um pênis. Da mesma forma esse pensamento se aplica ao atribuir como signo do masculino o falo, o pênis, e ainda se estende às atribuições de quaisquer características anatômicas para definição dos gêneros, binários ou não.



Sem título, gravura de minha autoria, feita com carimbos de borracha no ateliê de Introdução à Gravura, em 2017, durante minha graduação (dois anos antes de me entender transgênero).

Descrição de imagem: desenho de 8 corpos virados para frente, um do lado do outro, quatro na parte superior da folha, e 4 na parte inferior. A folha é branca e os contornos dos desenho são pretos.

É fruto dessa discussão a motivação de eu ter realizado meus trabalhos na Residência Zero e executá-los nesse cenário foi uma grande oportunidade de manifestar a importante atribuição da Arte enquanto movimentadora, para que nossas ações e reações aos temas, provocações e discursos sejam geradores de novos conhecimentos e experiências, para que sejamos Autores enquanto Produtores, conforme nos incita Walter Benjamin.

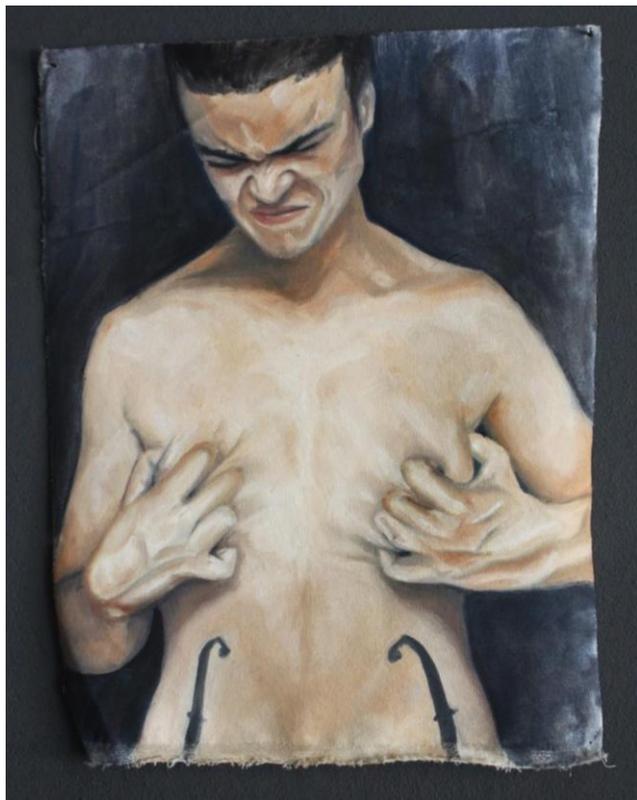
A partir da inquietação que este assunto me gerou e de tudo que Cayque e eu construímos em linhas de pensamentos, contextos e critérios que direcionam essa pesquisa, reforço também, enquanto homem de vulva, em como essa problemática em partes me representou até certo ponto da minha vida, em que eu fui visto como mulher cisgênero e até acreditei ser. Até certa idade, por não saber que trans existia, não compreendia esse fato e, portanto, não poderia chegar no entendimento de que eu sou e sempre fui trans, ao passo que conforme fui conhecendo e estudando sobre o assunto, fui tendo imensas identificações, dúvidas, ansiedades e dores, num processo que comparo a um esvaziamento. Porém, não foi imediatamente após tomar conhecimento sobre a transexualidade que eu me entendi trans e me assumi e comecei a transição social e física, esse processo levou alguns anos, aproximadamente 4 anos. A partir disso, ponho em minhas obras essas narrativas pessoais a respeito da minha transição, o ponto de vista das minhas experiências, buscando mostrar em quais lugares *entre* as concepções aqui discutidas (de gênero, de binário) eu já estive e em quais posso estar agora, visto que minhas posições nesses estados *entre* não pressupõem e não podem

pressupor permanência, perpetuidade, constância, são estados *transitórios*.



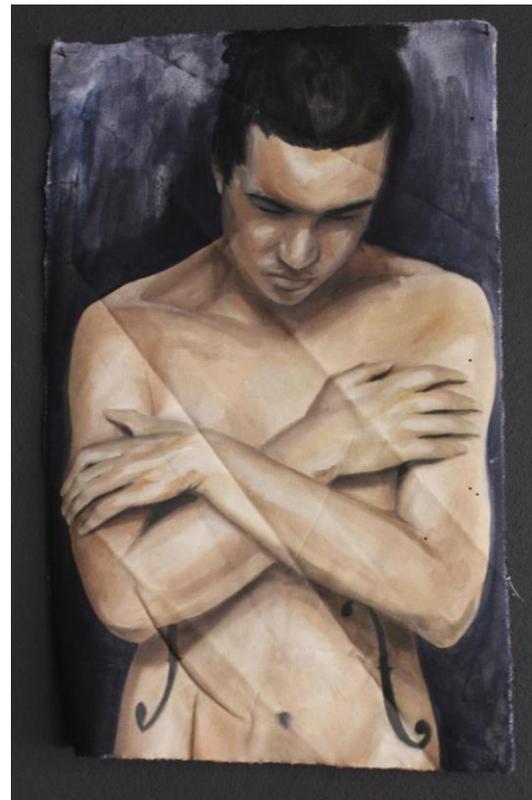
Aflição, série Disforia, óleo sobre tecido, 39 x 31 cm, 2021.
Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, na frente do qual há uma pessoa branca, de cabelos pretos e sem roupas, envolvendo os braços sobre o peito. A pessoa olha para baixo, com expressão de aflição.



Repulsa, série Disforia, óleo sobre tecido, 35 x 27 cm, 2021, Arthur Caldeira

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, à frente do qual há uma pessoa branca, segurando os seios e puxando-os para baixo com força, e olhando para baixo com as sobrancelhas franzidas, de olhos fechados. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas retas, com as extremidades curvas, uma em cada lado da barriga.



Rendição, série Disforia, óleo sobre tecido, 44 x 27,5 cm, 2021, Arthur Caldeira

Descrição de imagem: pintura com fundo azul e preto, à frente do qual há uma pessoa branca, olhando para baixo, de braços cruzados, abraçando a si mesma. Sua feição é calma. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas retas, com as extremidades curvas, uma em cada lado da barriga.

Comecei a realização das pinturas na residência artística com essa série de pinturas a óleo sobre tecido de tela chamada Disforia, em que busco mostrar minha sensação com meu corpo que me fez pesquisar sobre o tema até me entender transgênero. Foi por sentir cada vez mais desconforto, repulsa e asco do meu corpo que comecei a me questionar se eu era transgênero e pesquisar incessantemente a respeito e ir encontrando identificação, num caminho cheio de ansiedade e dúvidas. Nesse processo de entendimento houve também a aceitação desse corpo em estado transitório, expressa na pintura Rendição, na qual consigo partir para o acolhimento desse corpo após um longo processo de desvencilhamento das projeções do gênero masculino que fazia sobre o meu corpo, sobre a imagem do masculino dentro do binário que eu achava que meu corpo deveria corresponder, sem seios, quando entendi que sou um homem

independente do formato do meu corpo nesse momento, que meu corpo é válido de todas as formas que eu escolher tê-lo, e que devo sentir-me bem dentro dele mesmo que ele ainda não tenha o formato que eu busco ter um dia. Eu quero fazer a cirurgia masculinizadora das mamas, sempre quis, porém o fato de ainda não ter feito não me impede mais de me sentir feliz nesse corpo, caminhar com ele, sentir prazer com ele, sem apertá-lo ou tentar negá-lo ou escondê-lo com *binder*. Não sou menos homem assim e tampouco sou menos Arthur assim.

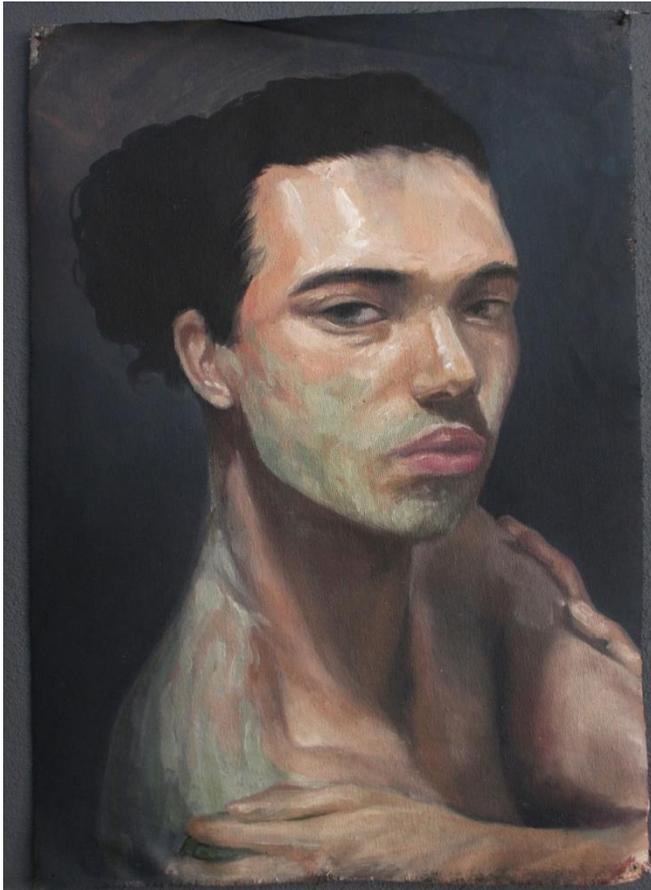
Em seguida, na série intitulada Espelho, trago momentos íntimos que via refletido no espelho acima da pia do banheiro, enquanto cuidava da minha pele que explodia em espinhas devido ao tratamento hormonal com testosterona iniciado em agosto de 2019, de forma a aproximar o espectador de mim, fazê-lo sentir a naturalidade da minha realidade num momento íntimo, vulnerável, dou minhas costas já sujas de sangue, do meu próprio sangue que sai quando espremo as espinhas, mostro os cuidados que passo a ter com minha pele usando argila verde e admito esse gesto vicioso de auto violência de espremer minhas espinhas. Quis pintar esse sangue por achar ele tão lindo e isso me fez pensar que, das violências que fazem sangrar, essa pode parecer a mais inofensiva que uma pessoa trans pode sofrer, mas que traz *à flor da pele* a discussão do autocuidado cuja chave é o acolhimento e aceitação de todas as formas de ser/estar do corpo para que se diminuam as disforias, ansiedades e assim as autoagressões de diversos tipos que podem culminar em depressão e suicídio.

(Aproveito para deixar clara aqui a **primordial** importância do devido **acompanhamento médico** físico e psicológico não só no tratamento hormonal, mas em todo o processo de transição).



Autoagressão, série Espelho, óleo sobre tecido, 48 x 31 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo cinza escuro, de uma pessoa branca de costas, cutucando as costas com a mão esquerda, e olhando para trás. A pessoa possui cabelos pretos presos em um coque.



Autocuidado, série Espelho, óleo sobre tecido, 34 x 24 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo cinza escuro, do rosto de uma pessoa branca, de cabelos pretos presos um coque, com argila verde no rosto. A pessoa olha para frente.



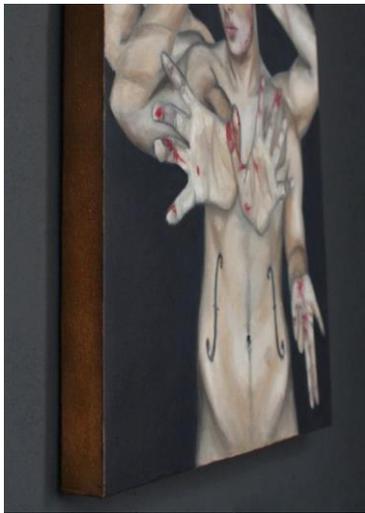
Entre Autocuidado e Autoagressão, série Espelho, óleo sobre tecido, 33 x 31 cm, 2021, Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura, com fundo azul escuro, de uma pessoa branca, de cabelos pretos curtos, passando um material esverdeado no corpo, como se estivesse se olhando no espelho.



Por fim, realizei uma série de pinturas chamada “Entre Zero e Um” para discutir questões de gênero e transgeneridade que fui aprendendo com o tempo e pesquisas. Continuo trazendo meu corpo como lastro dessas discussões, imbuindo-o de signos que ilustram esses pensamentos. Observo, ainda, um caminhar de identificação nos autorretratos: num primeiro momento há rostos quando o corpo não revela os seios, depois há seios quando não revela o rosto, por fim há um centramento de identidade, quando assumo meu corpo e meu rosto num só Ser e Pertencer, na última pintura da série, numa jornada de autoaceitação simultânea e sobreposta aos assuntos tratados em cada pintura especificamente.

Trazendo o sangue de um cenário a outro mais externo a mim, do ato de espremer as espinhas e fazer vazar meu próprio sangue a uma incerteza de que forma esse sangue fora retirado, na pintura “Entre Quatro Corpos” posiciono-me com quatro pares de braços, cada par pertencente a um dos corpos - físico, emocional, mental e espiritual - mas também enquanto gestos de reações a estímulos externos, reações a possíveis violências, dores, vergonhas, a estímulos que minha *entre*-presença ou minha *trans*-forma pode gerar quando circulando neste mundo fundamentado no binário.



detalhe da borda dourada



Entre Quatro Corpos, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela e purpurina dourada sobre as bordas, 45 x 34 x 3 cm, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição da imagem: pintura de fundo escuro, à frente do qual há uma pessoa branca olhando para baixo. A pessoa possui 4 pares de braços: De cima para baixo, o primeiro par de braços está em posição de defesa, com as mãos espalmadas acima da cabeça, com sangue. Abaixo, o segundo par de braços está com as mãos apoiadas na testa, com os dedos ensanguentados. À frente do tronco, o terceiro par de braços está estendido para a frente em perspectiva, com as palmas abertas e os dedos virados para fora. O quarto par de braços está como as posições das mãos de Cristo Pantocrator e de Baphomet, sendo o braço direito elevado ao lado da cabeça, as mãos com os dedos indicador e médio abertos apontando para cima em sinal de bênção, e o braço esquerdo ao lado do tronco com os mesmos dedos apontando para baixo significando a harmonia entre justiça e misericórdia. Totalizando assim 8 braços. A pessoa possui uma tatuagem no ventre no formado dos efes do violino, um de cada lado da barriga.

Buscando discutir e denunciar sobre as violências e assassinatos cometidos a corpos trans, realizei a seguinte instalação com a pintura disposta junto de uma intervenção escrita na parede. A partir dos dados do Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020 da ANTRA, coloquei na pintura cruces que representam os assassinatos que podem ter ocorrido durante o período que estive na residência artística, e na parede as cruces de todos os outros casos que aconteceram e poderão acontecer no resto do ano, conforme escrito no texto na parede, transcrito abaixo.



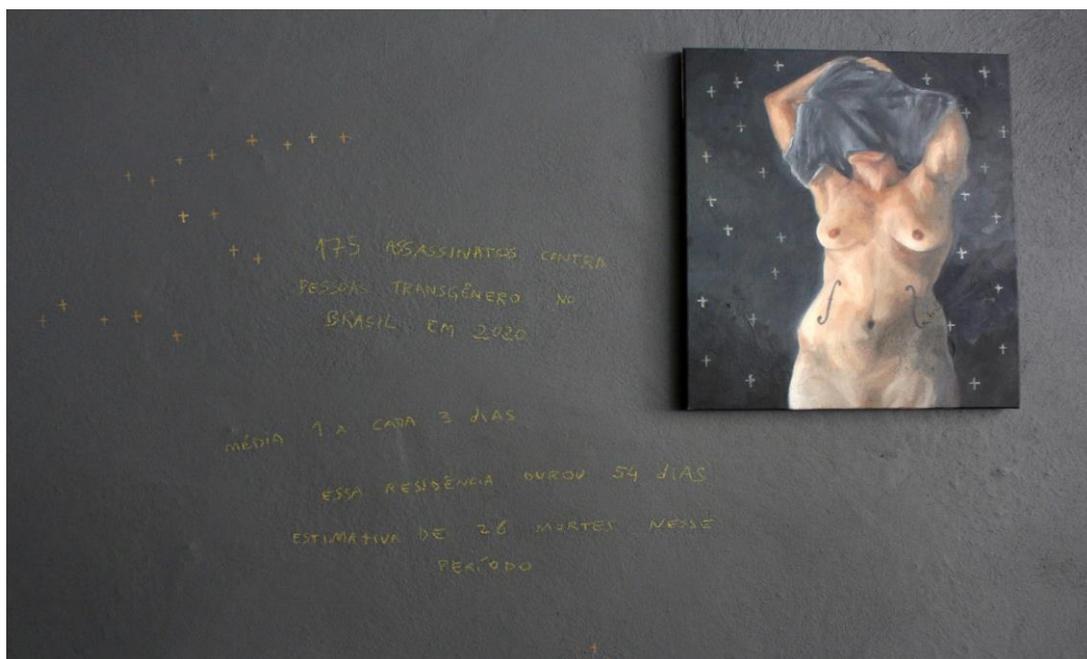
Liberte o Gênero, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela, 40 x 30 cm, com intervenção na parede, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura com o fundo escuro e com pequenas cruces brancas desenhadas por cima. Na frente do fundo, há uma pessoa, da cabeça até os quadris, se despindo de uma camisa azul pela cabeça. Ela está com os braços levantados, tirando a camisa. A pessoa possui duas tatuagens no ventre, duas linhas pretas, uma em cada lado da barriga, e está com os seios à mostra.



Texto escrito na parede: “175 assassinatos contra pessoas transgênero no Brasil em 2020 | Média 1 a cada 3 dias | Essa residência durou 54 dias | Estimativa de 26 mortes nesse período” | (26 cruces na tela, 149 na parede)

Descrição de imagem: quadro de uma pessoa transmasculina se despindo pendurada em uma parede cinza. Na parede, está escrito em amarelo “175 assassinatos contra pessoas transgênero no Brasil em 2020. Média 1 a cada 3 dias. Essa residência durou 54 dias. Estimativa de 26 mortes nesse período.” E há outras cruces pintadas em amarelo na parede em volta do texto.



Com referência ao auto retrato intitulado “O Filho do Homem” de René Magritte, emprestei do mesmo título para fazer a seguinte pintura, em que meu rosto está coberto não por uma maçã verde, mas uma maçã dourada, que é um símbolo de fé em várias culturas, para referenciar o gigantesco impacto da fé e da religiosidade, tanto positiva quanto negativamente, no contexto LGBTQIA+. No meu caso, a religiosidade e fé que compartilho com minha mãe foi de crucial importância para tornar possível meu assumimento para ela, sua aceitação e nosso início de transição, porém reconheço e conheço muitas histórias de pessoas que foram vítimas de dogmas preconceituosos advindos de muitas crenças e práticas religiosas, o que as conferiram violências cotidianas de familiares, de suas comunidades, em suas cidades, exclusões, abandonos, desrespeitos, invalidações e motivos de grandes sofrimentos, negações, apagamentos, levando-as à detransição forçada e até ao suicídio.



O Filho do Homem, óleo sobre tela, 116 x 89 cm, 1946.
Artista: René Magritte.

Descrição de imagem: pintura com paisagem de um muro baixo, e ao horizonte está o mar, com céu nublado. Na frente do muro, há um homem branco de terno e gravata vermelha, com chapéu preto, e há uma maçã verde flutuando na frente de seu rosto.



Filho do Homem, série Entre Zero e Um, óleo e purpurina dourada sobre tecido, 43 x 35,5 cm, 2021.
Arthur Caldeira.

Descrição da imagem: pintura, com fundo escuro, de uma pessoa da cabeça até os quadris, nua, seios à mostra, com os braços virados para cima, as mãos detrás da cabeça. Em frente a seu rosto, há uma maçã dourada. A pessoa possui duas tatuagens no ventre no formato dos efes do violino, um de cada lado da barriga.

Além disso, a maçã dourada faz referência à jornada de Hércules em sua penúltima prova, pegar os pomos de ouro no jardim das Hespérides. Trago essa pintura como essa prova do herói, que busca algo além de si, no campo do sensível, imbuído de todas as qualidades que seu gênero lhe confere dentro do binarismo: força, poder,

capacidade, coragem, conquista, e colocando-as nesse corpo marcado pelos seios que o binarismo define como sendo de aparência feminina. Procurei manter o mesmo título por ser oportuno para atestar a referência e enfatizar o gênero em torno da discussão.

detalhe:



Descrição de imagem: pintura de um rosto olhando para frente, na frente do qual há uma maçã dourada encobrindo-o.



David, escultura em mármore, 517 x 199 cm, 1504. Artista: Michelangelo Buonarroti.

Descrição de imagem: fotografia de uma escultura em mármore de um homem nu, em pé sobre rochas olhando para a esquerda, com o braço direito solto ao lado do corpo e o esquerdo segurando uma funda apoiada em seu ombro.

No fim dessa jornada, finalmente consegui me apropriar de meu próprio corpo e defini-lo na minha pintura por inteiro, em sua completude de identidade. Um homem com seios e vulva. Dessa vez com a pose em referência à escultura “Davi” de Michelangelo, ícone consolidado da História da Arte em se tratando de nu masculino, me afirmo não apenas diante do mundo, mas principalmente diante de mim mesmo, reconhecendo-me Homem nesse formato, expurgado das declarações formais binárias que urgem em fundamentar a nossa anatomia. Declaro também a todos os corpos masculinos: válidos! Ontem, hoje e sempre válidos, da forma que foram, são, querem ser, podem ser e virão a ser. Corpo não é gênero.



Trans Davi, série Entre Zero e Um, óleo sobre tela, 100 x 80 cm, 2021. Arthur Caldeira.

Descrição de imagem: pintura de fundo montanhoso escuro, com céu avermelhado e montanhas azuladas. À frente, há uma pessoa branca, da cabeça aos tornozelos, olhando para a esquerda. Seu braço direito está relaxado ao lado de seu corpo, e o braço esquerdo está sobre o peito. Seus seios e vulva estão à mostra. A pessoa possui duas tatuagens no ventre no formato dos efes do violino, um em cada lado da barriga e possui tatuagens ao lado da coxa direita e nas pernas.



Referências

BENEVIDES, Bruna G., NOGUEIRA, Sayonara Naidier Bonfim. Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BRAYBOY, Duane. Two Spirits, One Heart, Five Genders. Indian Country Today. Archives. Rio de Janeiro 7 de set. de 2017. Disponível em <https://indiancountrytoday.com/archive/two-spirits-one-heart-five-genders-9UH_xnbfVEWQHwkjNn0rQQ> Acesso em: 13 jan. 2021.

GONICK, Larry. Introdução Ilustrada à Computação. São Paulo, 1984: Harper & Row do Brasil. p. 115-122. 242 páginas.



BIOS



Alexandre Gregório: Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA/IMS-CAT), atualmente é Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pelo PPGNEIM (FAFICH/ UFBA). Além disso, é psicólogo clínico e coordenador do grupo de estudos sobre Gêneros, Subalternidades e Processos de Subjetivação.

Arthur Caldeira Cioffi: Nascimento: 01/05/1998. Instagram e Twitter: @art_caldeira. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas - RS (2019). Natural de Porto Feliz - SP. Atua com produções em pintura, gravura, instalação, ilustração tradicional e digital e NFT.



Bruno Latini Pfeil: Estudante de Psicologia (USU/RJ). Membro do Núcleo de diversidade sexual e de gênero João W. Nery da Universidade Santa Úrsula (RJ). Co-fundador da Revista Estudos Transviades.

Cello Latini Pfeil: Mestrando em Filosofia (PPGF/UFRJ). Pesquisador do CPDEL/UFRJ (Coletivo de Pesquisas Decoloniais e Libertárias da UFRJ). Co-fundador da Revista Estudos Transviades. Membro do corpo editorial da Revista Estudos Libertários.



Danilo Pietro Craveiro: Em minhas obras tento repassar o meu amor pelo axé, através dos orixás. Retrato também a transgeneridade, referente à sereia que em sua calda carrega as cores da bandeira trans e que foi inspirada em uma mulher travesti, artista, atriz e maravilhosa. E também retrato a importância de alguém que apoia a minha transição desde sempre e é muito importante pra mim que é a minha mãe, que me adotou com 19 anos e me apoiou desde então, estando comigo em todos os momentos.

João Maria Kaisen, JoMaKA: (@poetajomaka), nasceu em 1991, na cidade de Belo Horizonte. Artista da cena, produtor, ativista e poeta. É autor de “Generalidades ou Passarinho Loque Esse”, volume de estreia da coleção “Ouvido Falante”, editora Impressões de Minas e organizador da “Coletânea Academia TransLiterária”, editora Marginália. Por um ano, escreveu para “coluna Diversidade”, plataforma “Guaja”. Tem o conto inédito “Cartão amarelo ou gol contra” publicado



na “revista virtual da Ria Livraria” e textos publicados na “Coleção Slam LGBTQIA+”, editora autonomia literária, no livro “Velhice Transviada” de João W. Nery, editora Objetiva, e na "Antologia virtual POESIA CONCRETA DAS TUAS ESQUINAS", Balada Literária. É Editor e Revisor na “Revista Zona de Encontro”. No teatro atuou em “Escombros da Babilônia”, “Minha história que nunca vi”, “Chá de revelação”, “Para quebrar o corpo”, além de performances com a tipo banda “Mascucetas” e o coletivo “Academia TransLiterária”. Foi dramaturgo em “Ópera Bruta” e “Atenção!” e, em 2021, estreia "O Colecionador de CID's", como ator e dramaturgo.

Leonardo Tenório: 31 anos, recifense, homem trans, ativista, pesquisador e livre pensador



Nicole Tassar: estudante de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto e atua em pesquisas sobre o audiovisual como produtor de memória e identidade coletiva, além de gênero e comunicação.

Raoni Freitas: Rao Freitas nasceu em Fortaleza, em 1990, vive e trabalha em São Paulo. Foi diretor de fotografia do longa-metragem Tremor Iê (2017), e do curta-metragem Pode me chamar de peste (2019). Atualmente faz curso técnico em



teatro, com linha em iluminação, na SP Escola de Teatro. Além disso, trabalha e pesquisa a memória enquanto travessias de si, a partir de experimentações com gravura e pintura em suportes de madeira, linóleo e tecido.



Samuel Bittar: Para as instituições corpóreas: estudante de psicologia e filosofia, membro da coordenação da ABRAPSO núcleo baixada santista e membro do Centro Acadêmico C.E.C.C.S. (Psicologia-UNISANTOS). Criador de conteúdo antiproibicionista, socialista libertário e filosófico no canal do YouTube “Biinab”.

Para corpos em movimento: anarquista especificista 013, escuta músicas pop dos anos 80, grunge e ecleticidades brasileiras na mesma playlist, e dedicado maçoneiro. De-nominado esquisito, depressivo-ansioso, transgênero e introvertido. Automeado apaixonado pela transdisciplinariedade, pela estética da existência e por este mundo fascinantemente horrível.

(Talvez esta descrição esteja um dia desatualizada. Espero.)

Shai Lamas: um artista visual transmasculine, natural de Belo Horizonte, MG, onde trabalha e estuda. Passeou pela Escola de Design UEMG e hoje cursa artes plásticas na Escola Guignard UEMG.





Thomas Carvalho: Sou o Tibor y sou um adulto arteiro de Minas Gerais. Quando falo da minha arte, sempre penso que ela não está pronta para ser entendida, não por quem ouve y vê ela. Eu não sei falar sobre ela pois eu não a entendo apenas sinto, y não acho estranho não entender tua cria(ção) , eu me conecto a ela durante o processo/idealização y é nesse momento que tentamos nos entender, não como dois seres no mesmo espaço (Seria uma viagem), mas sim como um único ser em sua

solitude encarando seus medos, suas raivas y repulsas, suas reflexões do espaço que está. Boa parte do que desenho são reflexos (muitas vezes autorretratos), onde antes do observador encarar, ele o encara primeiro. Olhos Que Seguem, são pinturas que refletem o que as encaram, como um espelho só que ela não mostra o que você espera ver, Seu Ego todo refletido em si mesmo. Y sobre o que ela quer te mostrar? Descubra, o espelho limita o indivíduo a ver seu entorno.

Thiago Moreira: homem trans graduando de Serviço Social pela Universidade Federal de Ouro Preto, pesquisa identidade e memória.



Victório Fróes: Olá! Sou o Victório Fróes, artista multimídia trans e indígena em retomada. Busco através das artes visuais (colagem e audiovisual) e da poesia expressar e comunicar a minha/nossas vivências dissidentes, sob um ponto de vista contra colonial.

Vitor Ian Miranda: 25 anos, homem transgênero, professor de Ciências Humanas nas Escolas Estaduais de São Paulo desde os 23 anos; graduado em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Educador Social - QB Fic promovido pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - Ufiec (ETEC Cepam). Entre 2019 e 2020 foi bolsista de Iniciação Científica (CNPq) na área de Filosofia Política, sob o título "Atos de Gênero e o corpo como espaço incorporado", com ênfase no paralelo que a filósofa Judith Butler faz entre a Filosofia da Linguagem (de Austin) e a Psicanálise (de Freud), para explicar como uma identidade de gênero vem a ser incorporada por um corpo. Atualmente, no campo teórico, tem interesse nas áreas de Lógica, Filosofia da Linguagem e Filosofia da Matemática, buscando paralelo entre estes campos e os paradoxos ligados às questões de gênero, principalmente na psicologia e filosofia; no campo prático, busca, como professor, usar e aprender formas de trabalhar a diversidade e os problemas de gênero dentro da sala de aula ou do Meet (considerando a Educação à Distância), bem como formas de incluir alunos trans, que encontram diversos obstáculos no espaço escolar, para além dos obstáculos diários dos mesmos.



Yuri Cantizano: Yuri Cantizano ou Canti, carioca que anda perambulando por ai, artista, graduando em Pintura Da EBA-UFRJ, coordenação de cultura da Secretaria Nacional de Casas de Estudantes, militante do Movimento de Casas de Estudantes, entusiasta de boas lembranças, escritor de bosta e popstar do caos.